

UFRRJ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

DISSERTAÇÃO

NO SILÊNCIO ENTRE AS PALAVRAS: UM ATALHO NOS CAMINHOS
DA DOCÊNCIA

LUANA DA SILVA TEIXEIRA

2020



UFRRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**NO SILÊNCIO ENTRE AS PALAVRAS: UM ATALHO NOS CAMINHOS
DA DOCÊNCIA**

LUANA DA SILVA TEIXEIRA

Sob a orientação do professor:

Carlos Roberto de Carvalho

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ

Fevereiro 2020

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

T266s Teixeira, Luana da Silva, 1994-
No silêncio entre as palavras: um atalho nos
caminhos da docência / Luana da Silva Teixeira. -
Seropédica ; Nova Iguaçu, 2020.
85 f.: il.

Orientador: Carlos Roberto de Carvalho.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós- Graduação em
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares, 2020.

1. Vida docente . 2. Arte Literária . 3. Saber
Estético. I. Carvalho, Carlos Roberto de, 1950-,
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós- Graduação em Educação,
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares III.
Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E
DEMANDAS POPULARES

LUANA DA SILVA TEIXEIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 20/02/2020.



Carlos Roberto de Carvalho. Dr. UFRRJ
(Orientador)



Fabricia Vellasquez Paiva. Dra. UFRRJ



Rosângela Padilha Thomaz dos Santos. Dra. UFRJ

Dedico esta dissertação aos meus pais Ana Luzia e Antônio Cândido, ao meu futuro esposo Jônatas Lino, que me apoiaram durante todo o tempo em que estive desenvolvendo este trabalho. Dedico ao meu “mestre” e orientador Carlos Roberto de Carvalho, por sua competência e atenção.

Também dedico ao meu irmão Luan da Silva Teixeira que já não está entre nós, mas tem para mim todo o mérito para receber a minha homenagem por meio deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Só Deus me escuta andar...

- Ando sobre o coração de Deus... ¹

Tu me disseste: Sem mim nada podeis fazer...² Graças te dou Pai, por de fato ser assim.

Só Deus me escuta andar... mas não ando sozinha. Há quem esteja comigo desde muito antes dos primeiros passos... E graças eu dou a vocês: pai e mãe, por de fato ser assim.... Que este “assim” seja para sempre. Porque o “para sempre” é o presente que eu pediria para o tempo. Ah, se o tempo me desse tempo! Tempo de escolher por quanto tempo... Eu desejo para sempre! Ter vocês sempre comigo!

Ando sobre o coração de Deus... E do meu lado haviam outros passos, mas, pela vontade deste mesmo Deus, em Seu coração, esses passos ganharam outro espaço. Já não caminhamos lado a lado. Não agradeço por este duro fato. Mas, cabe aqui dizer, que o meu amor por ti Luan, não morreu no aperto daquele último abraço. Essa conquista é também por ti, e também para ti.

Só Deus me escuta andar... E Ele viu em mim a necessidade de não caminhar sozinha, quis dar ao som dos meus passos o tom de uma melodia. E assim você surgiu: caminhando leve, sem querer ser breve, embalando meus passos, me fazendo sorrir e cantar. A nossa canção é a minha preferida, quero ouvir até meu último suspiro de vida. Gratidão Jônatas, meu amor... Por todo apoio, por tudo que tem sido para mim, sobretudo, por caminhar em sintonia comigo na arte de amar.

Ando sobre o coração de Deus, e como o mar inteiro cabe na palma de Suas mãos, não ousou medir Teu Lindo coração. Um grande espaço dedicaste a minha família, tudo isso para que eu nunca me sentisse sozinha. Graças Te dou por este fato e a cada familiar eu agradeço com um grande abraço.

Só Deus me escuta andar... E em Sua sabedoria já sabia, que pelas minhas mãos, pequenas mãos iam passar, para que eu as ensinasse a passear pela vida com grandes passos. Passos esses que começariam a ser grandes dentro dos livros... Gratidão a cada aluno meu, vocês foram luz em meu caminho. Vocês são tão importantes que antes mesmo de que eu os conhecesse, eu tive alguém que me inspirou e me ensinou a ser o melhor para vocês...

Eu te encontrei professora Fabrícia, você é para mim a que representa todas as outras professoras que tive... você é a inspiração que antecedeu e me preparou para as inúmeras experiências que eu tive em minha vida docente. Você abriu para mim o mundo da literatura a partir de novas lentes, me mostrou que eu podia ter o tamanho que eu quisesse. Gratidão a você

¹ MORAES, Vinícius. A última elegia. Nova antologia poética. São Paulo: Companhia das letras, 2005 p. 35.

²Bíblia Sagrada (João 15.5)

por me fazer acreditar que posso. Eu posso, porque antes de mim você pôde. Obrigada por isso!
E obrigada por mais uma vez estar comigo!

Ando sobre o coração de Deus. Aqui encontrei o Teatro da palavra³: onde a palavra em cena, acena, ensina, se faz sina, fascina, ilumina... E brilha! E só é possível ser assim porque esse teatro tem um céu de estrelas e cada uma, em determinado momento, me chama atenção pelo seu brilho, que me ensina a ser melhor a cada dia. Gratidão! Eu me tornei muito melhor depois que conheci a cada um de vocês. Soube que Deus sabe o nome de cada estrela, e é verdade! Agradeço a Ele por ter iluminado o céu desse Teatro com as mais brilhantes! Agradeço especialmente a professora Rosangela Padilha, por ter iluminado este trabalho com a luz de seu olhar! Suas considerações nesta banca foram de preciosa importância.

Ando sobre o coração de Deus! esta Terra é difícil de descrever! Como falar sobre Algo maior que você? Nem todos os lados eu poderia ver! Mas, sei que tudo se inclina diante do Teu querer meu adorador Deus. Por isso professor Beto, encontrei você! Quem diria que no coração de Deus existem abismos? Quem poderia falar dos precipícios? Eu diria que sei escolher, se de antemão tivesse escolhido você. Mas, quem pode mandar no coração de Deus? Como prever um encontro tão bonito? Só podia vir do coração de Deus esse presente infinito:

Alguém me espia do fundo da noite
Com olhos imóveis brilhando na noite
[...] Alguém me espia do fundo da noite
(És tu, Poesia, velando a noite?)⁴

Me espia Beto? É assim que costumo pedir quando desejo que leia meus textos... Me espia Beto! Muita gratidão a você! Quando você me olhou, me multiplicou! No fundo dos seus olhos eu encontrei além de mim a doce menininha... A que fui e havia esquecido que não podia deixar de ser. Obrigada pelo reencontro! À esta doce menininha eu também gostaria de agradecer! Muito obrigada! Sei que também sei ser ácida quando é necessário, mas prometo te deixar viver para sempre com seus olhos de enfeitar, que deixa tudo mais bonito! Tudo isso num lugar onde só Deus me escuta andar... Ando sobre o coração de Deus.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

³ Teatro da Palavra é um nome carinhoso e significativo que demos ao Grupo de estudo e pesquisa sobre linguagem e diferenças – Gepelid. Foi dentro do Gepelid, sob orientação do Prof.º Dr. Carlos Roberto de Carvalho, que se desenvolveu a presente pesquisa, portanto todos os integrantes do referido grupo têm importância fundamental no desenvolvimento deste trabalho.

⁴ MORAES, Vinícius. Imitação de Rilke. Nova antologia poética. São Paulo: Companhia das letras, 2005 p. 64.

Assim aos poucos, sem consultar o tempo, minha branca aldeia de papel vai sendo povoada. [...] Trazendo palavras e destinos, revelando amores, fortunas e viagens para depois de todos os ares. Minha memória não tem tamanho, e a ponta de seu fio nasceu com o meu nascimento. Em liberdade deixei que ela escrevesse sobre o papel vazio – que me vigiava – o seu intenso mistério.

Bartolomeu Campos de Queirós

RESUMO

TEIXEIRA, Luana da Silva. **No silêncio entre as palavras: um atalho nos caminhos da docência**. 2020. 85 p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2020.

Este trabalho analisa o fenômeno literário no âmbito da prática docente inicial, por meio de um relato autobiográfico, a partir do qual a autora vem rememorando um caminho de encontros e reencontros com a arte literária. Caminho este que se inicia em sua trajetória de formação escolar e posteriormente se reconfigura em sua formação e prática docente. Compreende-se que o trabalho docente tem caráter singular por se tratar de um ofício em que se estabelece relações estritamente humanas. Neste contexto, a pessoa docente alcança a necessidade de construir saberes diversos que podem advir de várias fontes. Assim, nesta pesquisa que é de caráter fenomenológico, o enfoque se concentra no saber estético, o qual é reconhecidamente necessário à prática educativa. A escolha pela escrita autobiográfica se justifica pela relação intrínseca estabelecida entre a autora e a obra literária. Desta forma, o contexto de linguagem oferecido pela leitura literária, vem sendo explorado por ela como uma possível fonte de saber estético. Assim, a autora pode pensar sua própria prática, seguindo por atalhos que perpassam o silêncio que há entre as palavras e se entrecruzam nos perímetros da docência. Bakhtin (2011), nesta perspectiva, contribuiu profundamente para o nascimento da escrita desta pesquisa, que de forma original, se caracteriza em uma narrativa poética, que pode levar o leitor a uma experiência estética literária. As reflexões iniciais se firmam a partir de um estado da arte que registra um levantamento de pesquisas que também analisam a literatura no âmbito da prática e da formação docente. Tal levantamento tem sua relevância por indicar atalhos literários já construídos em outras pesquisas, contribuindo para que este novo atalho se instaure a partir de um caminhar próprio. Em seguida, a autora reinicia sua própria história refletindo sobre seu processo de constituição docente e, posteriormente, sobre a relação que estabelece com a literatura em sua prática docente. Para tal, a autora se permeia com sua escrita poética em um diálogo polifônico com diversos autores: pensadores da Educação, como Paulo Freire (1996); Heidegger (2015), que contribui com o pensamento filosófico sobre a questão do ser; Todorov (2009), que traz importantes reflexões sobre o potencial estético da obra literária; e, entre tantos poetas e autores literários, se destacam Rilke (2007), Bartolomeu de Queirós (2007), Exupéry (2015) e Clarice Lispector (2009), autores que lhe tocam mais profundamente por terem permeado em sua trajetória de forma bastante significativa. Para estabelecer um olhar exotópico sobre sua própria trajetória, a autora encontra, em suas fotografias, janelas que abrem portas para um retorno a si mesma de forma que possa registrar, por meio de uma narrativa poética, a pessoa docente que vem se tornando até então. Para entender a referida relação com suas próprias fotografias o diálogo com Barthes (1984) foi de fundamental importância. Destacamos que este caminho se perfaz na experiência artística literária refletida não só no próprio processo de construção desta escrita, mas também no diálogo com Benjamin (1994) e Larrosa (2014). Sendo assim, o diferencial neste trabalho nasce nos olhos de uma doce menina que surge para conduzir o seu interlocutor por entre atalhos literários que foram construídos em um caminho docente que nem sempre foi doce.

Palavras-chave: Vida docente, Arte Literária, Saber estético.

ABSTRACT

TEIXEIRA, Luana da Silva. **In the silence between words: a shortcut in the paths of teaching.** 2020. 85 p. Dissertation (Master in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Institute of Education / Multidisciplinary Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2020.

This work analyzes the literary phenomenon in the context of initial teaching practice, through an autobiographical account, from which the author has been reminiscent of a path of encounters and re-encounters with literary art. This path begins in her school career and is later reconfigured in her training and teaching practice. It is understandable that the teaching work has a singular character because it is a craft in which strictly human relationships are established. In this context, the teaching person reaches the need to build diverse knowledge that can come from various sources. Thus, in this research, which is phenomenological in character, the focus is on aesthetic knowledge, which is recognized as necessary for educational practice. The choice of autobiographical writing is justified by the intrinsic relationship established between the author and the literary work. In this way, the context of language offered by literary reading has been explored by it as a possible source of aesthetic knowledge. Thus, the author can think of her own practice, following shortcuts that go through the silence that exists between words and intersect in the perimeters of teaching. Bakhtin (2011), in this perspective, contributed deeply to the birth of the writing of this research, which in an original way, is characterized in a poetic narrative that can lead the reader to a literary aesthetic experience. The initial reflections are based on a state of the art that registers a survey of research that also analyzes literature in the field of practice and teaching. Such survey has its relevance for indicating literary shortcuts already built in other researches, contributing for this new shortcut to be established from its own path. Next, the author restarts her own history reflecting on her process of teacher formation and, later, on the relationship she establishes with literature in her teaching practice. To this end, the author permeates herself with her own poetic writing in a polyphonic dialogue with several authors: thinkers of Education, such as Paulo Freire (1996); Heidegger (2015), who contributes to philosophical thinking on the question of being; Todorov (2009), who brings important reflections on the aesthetic potential of literary work; and, among so many poets and literary authors, stand out Rilke (2007), Bartolomeu de Queirós (2007), Exupéry (2015) and Clarice Lispector (2009), authors who touch him more deeply for having permeated his trajectory in a very significant way. To establish an exotopic look at her own trajectory, the author finds in her photographs windows that open doors to a return to herself so that she can record, through a poetic narrative, the teaching person she has become until then. To understand this relationship with her own photographs, the dialogue with Barthes (1984) was of fundamental importance. We emphasize that this path is performed in the literary artistic experience reflected not only in the very process of building this writing, but also in the dialogue with Benjamin (1994) and Larrosa (2014). Thus, the differential in this work is born in the eyes of a sweet little girl who appears to lead her interlocutor through literary shortcuts that were built on a teaching path that was not always sweet.

Keywords: Teacher's life, Literary Art, Aesthetic Knowledge.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Registro de uma dedicatória deixada em um dos livros doados ao projeto “Dedique um livro” | 12 |
| Figura 2 - A primeira formatura | 31 |
| Figura 3 - Registro do jardim da infância marca meus primeiros momentos na escola | 38 |
| Figura 4 - registro de um momento de contemplação na universidade | 44 |
| Figura 5 - Momento de leitura na biblioteca da escola onde atuava como bolsista do PIBID..... | 46 |
| Figura 6 - Momento de estudo e orientação com professora Fabrícia junto ao grupo de pesquisa | 47 |
| Figura 7 - Dedicatória deixada pela professora Fabrícia | 53 |
| Figura 8 – Registro da Formatura do Curso de Pedagogia..... | 73 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO: | 12 |
| 1.1 ONDE NASCE ESSA PESQUISA? | 12 |
| 1.2 O QUE VI NO SILÊNCIO ENTRE AS PALAVRAS? | 14 |
| 1.3 CAMINHOS TRAÇADOS NO SILÊNCIO ENTRE AS PALAVRAS..... | 15 |
| 2 MEU PONTO DE PARTIDA: DAQUI ENXERGO O ARCO-ÍRIS..... | 19 |
| 2.1 ENTRE AS CORES DO MEU CÉU: UM BAÚ DE LIVROS..... | 22 |
| 3 O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER? | 29 |
| 3.1 A DOCE MENININHA..... | 31 |
| 3.2 POR CAMINHOS E DESCAMINHOS..... | 35 |
| 3.3 O HORIZONTE DE MIM: CABELOS GRISALHOS, PELE ENRUGADA E OLHOS AZUIS. | 38 |
| 3.4 ENCONTROS E REENCONTROS | 44 |
| 4 DA BONECA DE PANO A SUJEITOS HUMANOS: DOCÊNCIA PARA ALÉM DO QUE SE VÊ..... | 49 |
| 4.1 PARA ALÉM DO OLHAR: O QUE ELA OU(VIU) NA ESCOLA | 49 |
| 4.2 AUSÊNCIAS: O PESO DAS LÁGRIMAS | 52 |
| 4.3 O OLHO DE ENFEITAR: ARTE LITERÁRIA COMO EXPERIÊNCIA | 57 |
| 5 NO SILÊNCIO DE MIM: A MENINA DOS OLHOS DO PAPEL..... | 64 |
| 5.1. QUERIDO SILÊNCIO: POR QUE FINDAR, SE PODEMOS RECOMEÇAR?..... | 66 |
| REFERÊNCIAS: | 75 |
| ANEXO: | 77 |

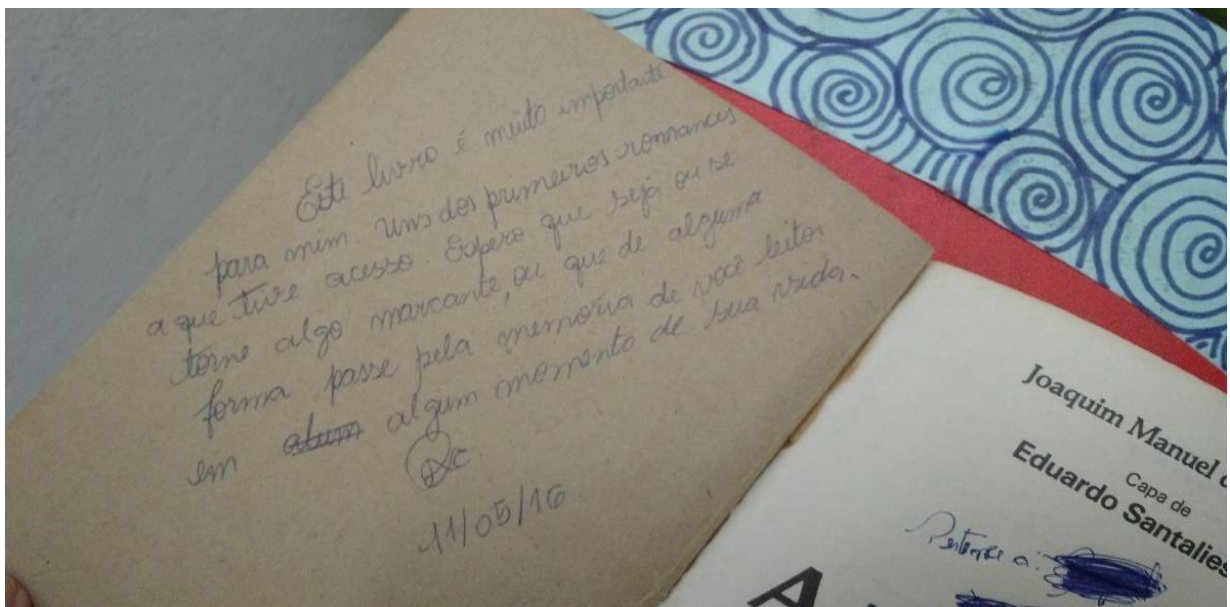
1 Introdução:

1.1 Onde nasce essa pesquisa?

Todo nascimento acontece a partir de um encontro e um encontro vai gerando outros. Nascemos do encontro de duas pessoas, que promovem o encontro de duas células reprodutoras, ambas tornam possível o nosso encontro com o mundo. Assim, essa pesquisa nasce a partir do meu encontro com a literatura, tal encontro aconteceu primeiramente na escola, estas portas que abriram para mim o mundo contido nos livros.

Na minha graduação, me reencontrei com a literatura ao descobrir o quanto ela é importante na minha formação. Além disso, promovi vários encontros da mesma natureza. Foi lindo ver as crianças a se encontrarem com os livros: elas têm um modo singular de vislumbrar os mundos literários. Me foi possível também, acordar esses encontros nos meus colegas de formação, vi que eles, possivelmente, tinham ao final do caminho o mesmo destino que eu, pois todos estavam na condição de futuros professores, porém, nem todos caminhavam por atalhos

Figura 1 - Registro de uma dedicatória deixada em um dos livros doados ao projeto “Dedique um livro”



Fonte: Arquivo pessoal. 2016.

literários.⁵

⁵ O projeto “Dedique um livro” se tratou, inicialmente, de uma campanha de dedicação e de doação de livros, que, a posteriori, seriam cedidos para empréstimo aos próprios discentes do Instituto de Educação, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, campus Seropédica. Com o intuito de que estes estudantes, também tivessem a oportunidade de se deleitarem na literatura, durante o percurso da formação docente, tal projeto foi idealizado pela professora Fabrícia Vellasquez, juntamente com seus orientandos, bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência – PIBID. Através da própria metodologia do Programa e da singularidade do subprojeto, se desenvolveu um contexto de pesquisa-ação mediado pela Literatura do qual eu, como bolsista do PIBID tive o privilégio de participar. A partir desta experiência, iniciei um caminho de pesquisa que foi aprofundado no meu trabalho de conclusão do curso de graduação em Pedagogia.

Tudo começou dentro de um baú, que ocupava um cantinho na universidade e convidava as pessoas a depositarem nele um livro com uma dedicatória.⁶ “Dedique um livro.” Esta era uma chamada a todos os futuros professores. Aquele baú, para mim, dotou-se de um significado bastante impactante, me parecia um tesouro, o qual eu era capaz de enxergar no fim do Arco-íris. Pois, este tesouro chamado livro foi depositado ali por muitos, com lindas dedicatórias, janelas abertas para vários paraísos. Porém, no momento em que a proposta era que abrissem o baú e se deleitassem nos livros, o tesouro não foi achado.

Os futuros professores caminhavam pelos corredores da universidade, mas nunca encontravam o baú no fim do arco-íris, sempre surgia uma montanha de textos acadêmicos, provas e inúmeras cobranças que se comprimiam nos vales de uma matriz curricular na qual não havia espaço para arte e vida.

Assim, me coloquei nos caminhos daqueles estudantes com uma pergunta – que sustentava meu instrumento de pesquisa monográfica do curso de Pedagogia⁷ – a mesma que faço para você que me lê: “Qual foi o último livro literário que você leu?”, bastou uma pergunta para responder inúmeras questões e despertar em mim várias inquietações. Pois, alguns desses futuros professores me contaram experiências estéticas maravilhosas com os livros, porém essas experiências eram memórias dos tempos em que não havia no caminho montanhas de textos acadêmicos. Outros sequer se lembravam das experiências literárias que tiveram, alguns diziam que os caminhos seriam mais leves e mais bonitos, se entre os vales das matrizes curriculares houvesse a inclusão da arte como um caminho para o conhecimento.

Me senti privilegiada por ter encontrado em minha formação aquele atalho que me fez traçar caminhos literários. Mas, segui inquieta em busca de mais respostas. E assim, ao sair da universidade, como professora, continuo a enxergar um baú no fim do arco-íris, sobretudo, enxergo o arco-íris, com o objetivo de investigar a literatura no âmbito da minha prática docente como uma possível fonte de saber experiencial estético.

⁶ Um registro de uma dessas dedicatórias pode ser visto na figura 1: “Este livro é muito importante para mim, um dos primeiros romances a que tive acesso. Espero que seja ou se torne algo marcante, ou que de alguma forma, passe pela memória de você leitor em algum momento de sua vida. 11/05/2016”.

⁷ O trabalho analisou a literatura no âmbito da formação docente, tendo como sujeitos os próprios estudantes do curso de graduação em Pedagogia da referida Universidade. Tal análise mostrou a partir de narrativas dos próprios estudantes, que os contextos de formação destes futuros docentes, carecem de experiências formativas que valorizem a literatura como uma fonte de saber estético.

Assim, viso analisar a relação que estabeleço com o texto literário como professora, com vistas a responder uma questão que vem surgindo em minha trajetória: A literatura pode ser uma fonte de saber estético a ser mobilizado por professores regentes nos diferentes contextos da prática educativa? Sigo em busca de respostas enquanto me deleito, seguindo por atalhos que se fazem no silêncio que há entre as palavras.

1.2 O que vi no silêncio entre as palavras?

A leitura exige de nós pequenas pausas entre as palavras. Pois, trata-se de um diálogo e precisamos dar espaço para deixar o texto falar. A frase tem pausas entre as palavras. O leitor ao tropeçar no silêncio da oração, é amparado pelos abraços do texto. (Queirós, 2007, p. 55) No silêncio entre as palavras abriga-se o encontro: o abraço do texto com a alma. Seria um romance? Texto e Alma. Quem há de conter?

Quando lemos somos despidos e ninguém vê. Você começa lendo uma palavra: “Desejos!” (Rilke, 2007, p. 62) De repente, essa palavra, uma pequenina palavra! Te revela os desejos mais profundos que sua alma pode ter. E o silêncio vem! Cheio de vozes e mistérios. Essa palavra te revela medo? Vergonha? Prazer? Ou uma parte de um você que você desconhece e que jamais mostraria para alguém? O texto te mostrou e você nem pode fechar os olhos! Pois, quando se abre os olhos da alma, não basta fechar o livro para deixar de enxergar o que não se podia ver.

Antes mesmo que se recupere, o texto grita novamente: “Desejos!” (Idem, p. 62) e sua alma se revira profundamente, você tenta se esconder, mas quem poderá se esconder de si mesmo? De seus desejos latentes que inflamam em chamas e não lhe permite os conter. O que você deseja? Deseja deixar de esconder a falta de paz por trás do teu sorriso? Ou deseja parar de conter o riso? Deseja parar de conter o choro? Deseja alguém que não pode ter? Deseja ser alguém que até então não é? Ou deseja deixar de ser alguém que é? Provavelmente o texto já te disse!

Mas, o texto não se cala, no silêncio entre as palavras ele te questiona: “E o que a vida sabe disso?” (Ibidem, p. 62) O que a tua vida sabe disso? O que a tua vida sabe de ti? O que a tua vida mostra de ti? O que tu mostras para a vida? O que tu sabes da vida? Ou tu te escondes da vida? Quem és tu nesta vida? tu vives? Provavelmente, o texto já te disse!

Mas, o texto não se cala, ele diz que a vida “germina e impele e tem sua natureza poderosa [...] (Ibidem, p. 62) ele traz a verdade sempre, mesmo quando fala através da mais pura ficção. A verdade do texto literário é a nossa verdade, a nossa realidade, é a própria vida

neste estado de germinação que cresce e impele, nos impulsiona independente da nossa condição. A vida é vida e segue mesmo quando decidimos andar na contramão. Mesmo quando paramos no meio do caminho, ela segue e germina e impele com sua natureza poderosa.

Assim, também é o texto, enquanto não termina de falar ele não se cala! Entre o silêncio das palavras germina e impele com sua natureza poderosa, sabendo que assim como aguardamos a vida o “fitamos com os nossos olhos de espera”. (Ibidem, p. 62) Naturalmente o aguardamos, como quem espera o amanhã, que logo chega num virar de página.

Neste momento, como professora, escrevo uma nova página da minha vida. Esta página se preenche em meio ao silêncio que encontrei entre as palavras. Percebi que o espaço em branco entre cada palavra não é vazio. E este espaço me dá lugar e me convida a decifra-lo em todos os seus significados. Tais significados, permeiam a minha vida docente e me permitem enxerga-la por outras lentes, através da estética literária.

Sendo assim, essa pesquisa é para mim, um mergulhar neste pequeno espaço que há entre as palavras. Espaço esse que embora seja pequeno, me comporta por inteiro e se auto ajusta para que eu possa ter o tamanho que eu quiser. Este espaço é um abismo que me chama a aprofundar inúmeras questões que associam a literatura a vida docente, tais questões se desvelam nas entrelinhas dessa pesquisa e abrangem não apenas a minha vida, mas a vida de todos que se propõem juntamente comigo mergulharem no espaço que há no silêncio entre as palavras.

1.3 Caminhos traçados no silêncio entre as palavras

Ser alguém, como artista, significa: poder dizer-se. [...] Portanto, tudo o que é próprio exige, se não quer ficar em silêncio, uma linguagem própria... Dizer o igual com as mesmas palavras não é progresso. (RILKE, 2007, p. 183)

(D)escrever um novo caminho nem sempre é fácil, muitas vezes, nos sobram silêncios entre as palavras. Entretanto, o grande desafio do caminho percorrido aqui, não foi propriamente o silêncio tão presente entre as palavras, mas sim o que fazer dele. Quando me propus o tema deste trabalho, o fiz por saber que o silêncio não é mudo, mas sim tem muito a dizer sobre mim. Na verdade, o silêncio que há entre as palavras me possibilita dizer-me, no sentido de revelar-me como o ser que sou no mundo. Poder dizer-me, neste sentido, significou ser alguém como artista.

Logo, traçar caminhos no silêncio que há entre as palavras, foi escolher não querer ficar em silêncio. Mas, sim mostrar qual o poder da arte, o que se revela ao “evocar em nós todos os sentimentos possíveis, penetrar a nossa alma de todos os conteúdos vitais, realizar todos estes

momentos interiores por meio de uma realidade exterior”⁸, poder tal, que ao vir ao nosso encontro pode “ergue-nos à altura de tudo que é nobre, sublime e verdadeiro, arrebatá-los até a inspiração [...] e abandonar-nos desamparados, esmagados pelo fogo de uma imaginação desenfreada.”⁹ E assim, nesta altura, numa imaginação privilegiada, escolhi uma linguagem própria, um modo de não dizer o igual, de não usar as mesmas palavras, um modo de progredir.

Neste sentido, não houve como construir outro caminho, se não o que há entre as palavras. Caminho este, que ao se significar pela linguagem literária se fez para mim e conseqüentemente para quem me lê, como “passagem obrigatória de todos os caminhos do pensamento.”¹⁰ Entretanto, este caminho se direciona na contramão do caminhar proposto e aceito nos con(textos) acadêmicos.

Como pesquisadora, me senti muitas vezes perdida entre os labirintos da Universidade, cujos caminhos muitas vezes, não se entrecruzam com a vida docente. Alguns estudos apontam que atualmente existem constantes censuras dirigidas às pesquisas. Entre elas está o fato de que a pesquisa “é geralmente formulada numa linguagem que não possui quase nenhuma pertinência e utilidade para os professores e estudantes. Essas censuras são bastante esmagadoras.”¹¹ Esmagadoras porque muitas vezes exigem do pesquisador que fique em silêncio, escondendo-se por trás da objetividade exigida de si na construção do tradicional texto acadêmico.

Assim, “ao tomar a linguagem como fato acabado, resíduos de atos passados de significação, registro de significações já adquiridas, inevitavelmente o cientista perde a clareza própria do falar, a fecundidade da expressão”¹². Assim, se embaraça ao traçar caminhos para si mesmo e conseqüentemente para o seu interlocutor. Longe disso, este trabalho se realiza por meio de uma narrativa que revela a experiência que vivencio na arte literária, de forma que, possivelmente, quem me lê pode partilhar desta mesma experiência, pela linguagem que conduzirá a leitura deste texto.

Pois, na linguagem “a significação sempre ultrapassa o significante, e este sempre engendra novas significações, de sorte que entre significação e significante nunca existe equilíbrio, mas ultrapassamento de um pelo outro graças ao outro”,¹³ assim entendo que a forma como me aproprio da linguagem na escrita do meu texto, possivelmente leva o meu interlocutor

⁸ HEGEL (1999, p.50)

⁹ HEGEL (1999, p.50)

¹⁰ LEÃO apud in HEIDEGGER (2015, P.558)

¹¹ TARDIF (2010, P.290)

¹² Idem

¹³ MERLEAU-PONTY (1989, P. XIII VIDA E OBRA)

a construir novas significações no contexto de sua existência a partir dos sentidos que constrói ao ler meu texto.

Pois, “a primeira fase de uma tentativa de leitura consiste em familiarizar-se com as palavras-chave, estabelecendo-lhes a função sintática e a remissão semântica no todo do sistema”¹⁴, desta maneira ao olhar pela primeira vez dentro dos olhos do meu texto o leitor de certa forma vai procurar tomar para si os significados das palavras reunidas.

Já na segunda fase da leitura o processo de ler “impõe um contato mais profundo com o texto. [...] na força de constituição da escritura [...] vemo-nos, então, diante de um sistema solidamente estabelecido, em que nada falta e nada é demais”,¹⁵ assim neste momento o leitor começa a enxergar no olhar do texto um tom de mistério e majestade, que dentro de uma certa completude o convida a permanecer nesse processo de desvelamento que o conduz a buscar saber o que mais o texto tem a lhe oferecer.

Assim, o leitor embarca na terceira fase da leitura em que “a partir de então tudo se transforma, pois já não tem que carregar o peso de uma escritura, pois já não está diante de um sistema de palavras e funções.”¹⁶ Neste momento, o mistério que paira no olhar do texto se desvela um pouco mais, o leitor começa a decair “na gravidade do pensamento, sente o peso de sua própria realização de ser no tempo, [...] é enviado à viagem de um retraimento de um horizonte que, longe de o repelir o atrai e o arrasta”¹⁷ e assim ele se vê refletido no olhar do texto partindo da leitura que torna-se uma “viagem do sentido de ser e não ser no tempo,”¹⁸ de se ver e se rever na vida.

No traçar deste meu caminho de escrita, observei que de fato “*a linguagem técnica própria da ciência é irredutível*”,¹⁹ em contrapartida ao me dar a oportunidade de pupilar o papel com uma escrita desnudada – que contempla não apenas o conhecimento que busco construir por meio desta pesquisa, mas também a arte e a vida que fazem parte do que sou no mundo – trouxe para o meu texto elementos de uma linguagem que permitem ao meu leitor encontrar um sentido no texto que vai de encontro com sua própria existência.

Por ser assim, adotei como procedimento metodológico a fenomenologia, a qual é a base da dimensão autobiográfica desta pesquisa. A partir desta dimensão analisei minha relação com a arte literária. Nesta perspectiva, partindo da minha própria história, entendendo que esta

¹⁴ LEÃO apud in HEIDEGGER (2015, P.555)

¹⁵ Idem

¹⁶ Idem (p.556)

¹⁷ Ibidem

¹⁸ Ibidem

¹⁹ BOAVENTURA (2004 p.136)

é permeada pelo fenômeno da arte literária, alcancei os objetivos traçados nesta pesquisa a partir de diferentes momentos da minha vida.

Momentos esses de encontros e reencontros, formação e transformação, que se materializaram no silêncio que há entre as palavras, e que me fizeram vir a ser uma pesquisadora/escritora que trouxe para o âmbito da pesquisa acadêmica, a apropriação da linguagem numa escrita literária como um caminho possível, não apenas para a percepção do conhecimento mas também para a construção dele.

Nesta perspectiva, a fenomenologia se adequa porque trata-se de “uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua ‘facticidade’”.²⁰ Entendendo a facticidade a partir de Heidegger podemos compreendê-la como a consolidação de referências, elaborações e mudanças no exercício de nossa existência. Neste sentido, realizar essa pesquisa a partir da fenomenologia significa não esquecer “o imperativo existencial de ‘vir a ser o que se é’, de ser o que se conhece”²¹ compreendendo sob essa perspectiva a vida fática do homem, ou seja, o que ele é no mundo.

Neste contexto, a partir desta metodologia foi possível apontar a arte literária como um atalho nos caminhos da docência, pelo qual possivelmente professores e futuros professores podem alcançar uma fonte de saber estético para entender a realidade da vida docente a partir de um olhar sensível abrilhantado pela estética literária. Além disso, esta pesquisa também revela uma escrita que pode e deve habitar os contextos acadêmicos por se revelar como um caminho para a construção do conhecimento não apenas para quem lê a escrita da pesquisa, mas também para o próprio pesquisador no processo de construção de sua escrita.

²⁰ MERLEAU-PONTY (1999 p.6)

²¹ HEIDEGGER (2015, P.15)

2 Meu ponto de partida: daqui enxergo o arco-íris

Lembro-me, da primeira vez em que vi um arco-íris. Foi emocionante! As cores que se perfilavam gradativamente, me deixavam em estado de graça. Não me cansava de olhar para o céu, eu ficava ali parada até que as cores fossem se enfraquecendo e tornando impossível enxergá-las. Todas as vezes em que vi o arco-íris, foi como se o tempo parasse e o mundo se dotasse de outro significado.

Desde pequena ele sempre apareceu para mim. Uma vez, enquanto observava as gotículas de chuva a bailarem pelo chão, vi o brilho do sol a iluminar cada gota. Assim, a chuva já não era mais chuva, mas sim bailarinas, que encantavam os meus olhos com seus passos adocicados e com seus vestidos iluminados pelo sol.

Olhei para o céu, e comecei a cantar acreditando que naquele momento, uma viúva transformava a sua vida, até então preta e branca, para se dar novamente a oportunidade de experimentar as cores do amor. Tamanha era a alegria que surgia no céu e em mim, logo após a tempestade. A chuva e o vento forte que com tamanho ímpeto me assustavam, rapidamente se acalmavam como se me dissessem: eu vos trago o arco-íris.

Diz a lenda, que ao fim do arco-íris se achará um tesouro. Ouço isso desde criança e muitas vezes me coloquei a correr diante do arco-íris, como se este fosse o caminho para encontrar o tesouro. Mas, me perdi em todas as vezes, pois o arco de cores desaparecia antes mesmo que eu encontrasse o tesouro.

Depois que cresci aprendi que “o Arco-íris se forma exclusivamente entre os ângulos de 40 a 42 graus, em relação do observador aos raios de sol. Em qualquer outro ângulo ele não pode ser observado”.²² Assim, começo a refletir que não é de todo lugar que podemos enxergar um arco-íris. A visão das cores não depende apenas dos nossos olhos, mas também do lugar onde estamos. Não é de qualquer lugar que podemos enxergar o caminho de cores que nos leva até o tesouro.

Assim, numa analogia, lembro de minha trajetória. Retomo a experiência do projeto “Dedique um livro”: nos corredores da universidade, eu observava os estudantes a caminharem para lá e para cá com seus fardos, com suas demandas. Eu esperava que eles enxergassem naquele baú de livros um tesouro no fim do arco-íris. Mas, agora reflito que naquele momento

²² FIGUEIREDO, Osmar S. Arco íris. Laboratório de ensino de óptica. Instituto de física “gleb wataghin – UNICAMP, 2019. Disponível in: < <https://sites.ifi.unicamp.br/laboptica/curiosidades-2/arco-iris/> > Acesso em 20 de julho de 2019.

eu estava num ângulo em que eu era capaz de enxergar o arco de cores que me levavam aos livros.

Mas, aqueles estudantes não estavam no mesmo ângulo, e por isso não eram capazes de enxergar o caminho. Eram apenas “viúvas” que seguiam aguardando um dia de sol e chuva. Seus caminhos eram em preto e branco: sem arte, sem vida. Lhes faltavam a luz do sol, e a umidade da chuva para iluminar os caminhos secos pelos quais seguiam curvados com suas cargas acadêmicas.

Porém, aprendi também que “que quando chove, milhões de gotas caindo, dão origem à formação de arco-íris em diferentes porções do céu, fazendo com que o ângulo não precise ser tão exato assim²³”. Desta forma, no primeiro capítulo deste trabalho, decidi mostrar os arcos de cores que surgem em diferentes porções do meu céu, e que me levam ao baú de livros, fazendo-me acreditar no potencial da literatura, este fenômeno que vem agraciando a minha vida docente com suas cores.

Entre as palavras encontro atalhos, novos caminhos que me permitem ver o mundo de várias cores por meio da arte literária. Sobretudo, vejo entre as palavras, a arte, a vida e o conhecimento, caminhando juntos na mesma direção. Neste meu céu, percebo que existem várias formas de enxergar um livro, e possivelmente há muito o que se encontrar entre uma página e outra.

Minha pesquisa nasceu dentro daquele um baú, no qual se continha vários livros e dentro desses livros, um silêncio que me dava abrigo entre as palavras. Dentro deste baú vejo um tesouro, e neste momento sou feliz por saber que não apenas eu – através de minha pesquisa – enxergo na literatura este potencial. Mas, esta pesquisa dialoga com muitas outras que me antecedem e que fazem do meu céu surgir inúmeras cores as quais pretendo mostrar neste capítulo.

Falar sobre o silêncio que há entre as palavras é dialogar com tantos outros pesquisadores que enxergam um potencial na literatura e também a associam não só à formação e prática docente, mas também à formação do homem para a vida. Penso que seja importante iniciar essa pesquisa mostrando os inúmeros olhares que se direcionam a literatura e que também a enxergam como um tesouro.

²³ FIGUEIREDO, Osmar S. Arco íris. Laboratório de ensino de óptica. Instituto de física “gleb wataghin – UNICAMP, 2019. Disponível in: < <https://sites.ifi.unicamp.br/laboptica/curiosidades-2/arco-iris/> > Acesso em 20 de julho de 2019.

Para tal, este capítulo caracteriza um Estado da arte de pesquisas que associam a literatura à formação e à prática docente. Inicialmente é importante definir que as pesquisas caracterizadas como Estado da arte são “reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho” (FERREIRA, 2002, P.257). Logo, o propósito de se iniciar este trabalho com o referido Estado da arte é iluminar o caminho a seguir com a certeza de que uma nova perspectiva nasce num novo atalho que surge em diálogo com tantas outras faces da literatura demonstradas em diferentes caminhos de pesquisas.

Nesta perspectiva, reafirmamos a importância deste capítulo, pois a compreensão do estado da arte “é necessária no processo de evolução da ciência, afim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos, ordenação que permita indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas [...]”. (SOARES, 1987, p. 3, apud in FERREIRA 2002 p. 259) Neste caso, em se tratando da arte literária como potencial na formação e na prática docente, esta integração ganha força para que cada vez mais a literatura enquanto arte seja reconhecida e apropriada socialmente nos mais diferentes âmbitos da formação humana.

É importante pontuar que este estudo foi elaborado a partir de pesquisas realizadas entre os anos de 2010 à 2018. Tal recorte temporal se caracterizou de forma não intencional, pois, inicialmente tínhamos a pretensão de analisar pesquisas realizadas nos dez anos anteriores ao ano de 2019, no qual realizamos a presente análise. No entanto os resultados encontrados a partir da chave: literatura e prática docente e/ou literatura e formação docente, trouxeram pesquisas realizadas a partir do ano de 2010.

As categorias tratadas foram selecionadas a partir de uma análise das pesquisas coletadas, tal análise considerou os temas e resultados em comum entre as diferentes pesquisas. As fontes utilizadas para a busca das pesquisas foram: o banco de teses da Capes e o site da Scielo. Neste sentido, o estudo a seguir apresenta os principais reflexos destas pesquisas no âmbito da prática educativa, bem como suas principais perspectivas.

2.1 Entre as cores do meu céu: um baú de livros.

Neste momento, me coloco diante de um baú de livros, este que se encontra num caminho de muitas cores e que nos permite enxergar o outro e seu olhar sobre as coisas. É isto que uma pesquisa faz: ela expõe um novo olhar sobre algo no mundo. E assim, para abordar esses olhares abro esse baú.

Primeiramente, tomando as lentes daqueles que enxergaram a literatura como potencial contribuinte na formação de leitores, visando a escola como esse lugar que abre as janelas que dão para o mundo contidos nos livros, como aconteceu comigo – assim através dessas lentes é possível enxergar a escola como esse lugar propício para que se estabeleça o contato dos alunos com os textos literários. Desta forma, conheci o termo letramento literário,²⁴ que é discutido nas pesquisas analisadas. Nesta perspectiva, o leitor literário é um leitor que sabe contemplar tanto a arte quanto as significações verbais presentes no texto literário, fazendo dessa atividade parte de seu dever e lazer.

O termo letramento literário é apresentado em uma das pesquisas segundo a concepção de Cosson (2012 p. 10), que diz que o “letramento literário é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. É um ato contínuo e que está em movimento, que não se fecha. Ele começa com as cantigas, de ninar, passa por toda a nossa vida”. Isto significa que inserir o aluno num processo de letramento literário, significa inseri-lo numa experiência que vai além da perspectiva de um código linguístico necessário a comunicação, mas é inseri-lo num contexto de linguagem que o permite refletir sobre a vida em seus diversos aspectos, tornando-o autônomo em suas experiências de leitura literária.

Embora não se limite apenas a escola o letramento literário, segundo as lentes que tomo neste momento, deve ser pensado no âmbito das práticas educativas, pois a partir deste ampliamos a concepção de leitura formando leitores críticos. Nesta perspectiva, os pesquisadores apontam o professor como ator fundamental no desenvolvimento do letramento literário pontuando que este deve pensar metodologias que formem leitores mais críticos.

Para isso, segundo as pesquisas, é necessário que estes professores estejam conscientes da importância e necessidade de se desenvolver nos contextos da prática educativa o processo

²⁴ Trata-se do primeiro tema entre cinco que foram categorizados pelo estado da arte. O termo se refere a apropriação de práticas de leitura e de escrita, a partir do texto literário, levando o leitor a estabelecer uma relação com o texto literário que de forma autônoma, vá além do contexto da escola, permitindo ao indivíduo não apenas desenvolver habilidades de leitura e escrita, como também ampliar seus horizontes a partir das experiências literárias.

de letramento literário, pois a literatura e o letramento literário constituem um direito que muitas das vezes vem sendo negado aos alunos.

As pesquisas apontam também que o processo de letramento literário deve ser vivenciado pelos professores em sua formação, pois longe destas condições a prática educativa fica comprometida, uma vez que um professor que não é letrado numa perspectiva literária não estará ou pouco estará habilitado a formar leitores literários.

Meu olhar, continua direcionado ao baú, e neste momento tomo uma segunda lente para abri-lo, pois, algumas pesquisas associam literatura e formação de professores²⁵. Um dos importantes pontos ressaltados por essas pesquisas é se o professor é um ser leitor. Como principal mediador da leitura nas salas de aulas, é importante que estes profissionais tenham contato com as leituras literárias. Algumas pesquisas apontam que a postura que um professor adota diante do texto influenciam diretamente em sua prática, sobretudo, no que diz respeito a maneira que se porta em sala de aula, nas suas metodologias, nas suas escolhas e na maneira a qual vê a sua própria prática principalmente no que diz respeito ao incentivo à leitura. Além do fato de que um professor não-leitor, não vai incentivar a leitura, as pesquisas apontam que o professor que não lê tem uma postura passiva no que diz respeito a prática educativa. Segundo Santos (2005, p. 5) “o sujeito que lê, sabe, planeja, direciona e faz a sua evolução, enquanto aquele que não lê somente opta pela trajetória que os outros escreveram”. Com isso percebemos a importância da leitura na vida do professor como mediador da leitura, e também na constituição de uma educação que forme alunos autônomos e críticos que sejam capazes de dar conta de sua própria evolução.

As pesquisas destacam que a formação docente tem fundamental importância no que diz respeito a formação do professor leitor, ressaltando que quando a formação do professor é defasada neste sentido, o professor deve buscar na formação continuada, suprir essa necessidade formativa. Para além da formação técnica a formação docente deve atender também as necessidades de formação estética literária dos professores que são reconhecidamente necessárias à prática educativa.

Além disso, as pesquisas demonstram que a condução do texto literário na sala de aula está ligada a visão que o professor dispõe sobre este texto, pois o tipo de relação estabelecida entre o professor e a obra literária pode interferir não apenas na construção de saberes através

²⁵ Este segundo tema do estado da arte se refere às pesquisas que destacaram a importância de se pensar a literatura na formação docente, tanto no que diz respeito a formação do professor em múltiplos aspectos, quanto no que diz respeito a formação do professor formador de leitores.

do mesmo, como também na formação de sujeitos leitores. Dentro desta perspectiva, destaca-se que é fundamental refletir sobre a literatura e sua importância no âmbito da formação docente bem como na prática. Para que assim os professores possam ter uma visão mais profunda a respeito da obra literária e seus reflexos na Educação em seus mais amplos sentidos.

Outro ponto que enxergo a partir dessas lentes, se refere a crise de leitura na formação docente algumas pesquisas foram bastante pontuais ao registrar que muitos professores durante a formação docente não mantiveram contato com a leitura como efetivos leitores, dado este um tanto grave por se tratar de condutores da leitura na sala de aula que muitas das vezes é um espaço onde alguns alunos estabelecem seus primeiros contatos com a leitura literária.

Para além disso, vejo que dentre as pesquisas analisadas encontra-se a reflexão sobre a importância da literatura na constituição do ser professor, no que diz respeito a identidade e/ou memória docente. Por podermos refletir sobre a realidade a partir dos textos literários e por meio deles podermos (re)viver experiências diversas, não apenas reconstituindo importantes memórias como também nos constituindo enquanto docentes.

Neste momento, tomo uma terceira lente e novamente abro o baú, vejo a literatura na prática educativa²⁶, pois, as pesquisas mostram que a concepção de literatura no ambiente escolar vem superando uma visão da obra literária pura e simplesmente como suporte pedagógico. A literatura vem sendo compreendida a partir de suas características excepcionais, como uma lente pela qual podemos refletir sobre a realidade e ampliar nossa visão de mundo. A leitura da obra literária vem sendo uma possibilidade para o acesso a produção cultural, a apreensão de valores, comportamentos, a consciência histórica, e a sensibilidade estética. A educação escolar, neste sentido, tem um papel pontual no que diz respeito ao direcionamento da obra literária aos alunos, de forma que estes possam se apropriar dela pelos valores estéticos que esta possui, para que assim eles desenvolvam uma relação autônoma com a obra literária.

Além disso, as pesquisas também destacam o ambiente escolar onde se desenvolve a prática educativa, como um ambiente potencial de acesso à leitura, sendo em muitos casos o local onde o aluno terá acesso e incentivo a obra literária. Assim sendo, a escola é apontada pelas pesquisas como um organismo potencial para a formação do leitor.

²⁶ Este terceiro tema se caracteriza neste estado da arte porque a literatura foi abordada por algumas pesquisas no âmbito da prática docente, se referindo a escola como um espaço privilegiado para incentivar o gosto pela leitura. Além disso, algumas pesquisas refletiram sobre as concepções de leitura e literatura presentes na escola, bem como analisaram a escolarização da literatura.

Por ser assim, é importante que no contexto da prática educativa se pense a partir desta perspectiva, práticas pedagógicas que valorizem a potencialidade do ambiente escolar no que diz respeito a leitura literária e seus reflexos não apenas na prática educativa, mas também na formação do leitor. Somente a partir desta perspectiva é que se pode formar leitores que mantenham um contato autônomo e efetivo com a literatura, de maneira que através dela possam também aprender a ler o mundo de forma mais sensível pela estética literária.

As pesquisas evidenciam que as escolas ainda possuem práticas pedagógicas nas quais se evidenciam o ato de leitura como uma mera obrigação porque este vem precedido de uma atividade (questionário, resumo) que geralmente não é precedida de uma compreensão reflexiva do texto literário. Com isso, o ambiente escolar tão rico para práticas de relações verdadeiramente efetivas com o texto literário, se torna empobrecido e pouco fértil, pois o contato com as obras literárias passa a ser germinado de forma incorreta gerando nos alunos uma aversão ao texto literário, em vez do prazer pela experiência estética permitida pela arte literária.

Mais uma vez tomo novas lentes, desta vez vejo no baú a dimensão da formação estética por meio da literatura.²⁷ Algumas pesquisas fazem reflexões pontuais sobre a estética da obra literária tanto no que diz respeito a formação estética dos alunos quanto a do professor. A experiência estética permitida pela obra literária, vem sendo refletida como uma oportunidade de levar os alunos a se colocarem ativos através da imaginação, e a partir desta experiência vivenciar histórias que tocam as suas emoções e dialogam diretamente com a realidade em que estão inseridos, aplicando-lhes sua visão de mundo de forma que se tornem mais críticos.

A ficcionalidade presente nos livros literários é apontada pelas pesquisas como uma janela aberta para um mundo de significados que facilitam o entendimento, não apenas do mundo em que estão inseridos, mas também de outras realidades que muitas vezes não lhes são compreendidas por outras lentes.

Nesta perspectiva, as pesquisas mostram que formar uma criança leitora, significa levá-la a adotar uma postura reflexiva e crítica diante das obras literárias, levando-a a construir uma prática de reflexão e criticidade a respeito do que se lê, além de possibilitar as crianças uma visão mais sensível da realidade a partir da experiência estética literária.

²⁷ Neste quarto ponto do estado da arte a formação estética literária, se caracteriza porque esta foi refletida em algumas pesquisas tanto no que diz respeito aos professores, quanto no que diz respeito aos alunos, apontando a literatura como potencial no que diz respeito aos saberes estéticos.

Quanto aos professores, as pesquisas apontam a leitura literária como uma possível fonte de saber estético a ser apropriada pelos professores no âmbito de sua formação, pois o saber estético é reconhecidamente necessário a prática educativa. Nesta perspectiva, partir das experiências literárias é possível mobilizar saberes na prática educativa. Pois, a literatura enquanto arte se constitui como uma fonte de saber estético que toca a subjetividade e dialoga diretamente com a realidade daquele que se apropria da experiência estética permitida por ela.

Entre as pesquisas evidenciou-se ser equivocado pensar a prática docente sem envolver a subjetividade do profissional docente, pois: “todo professor transpõe para sua prática aquilo que é como pessoa” (TARDIF, 2010 p.145). O professor, como mediador da prática, não é apenas um transferidor de conhecimentos, mas sim aquele que mobiliza na prática de sua profissão significados atribuídos por ele de acordo com a maneira que ele vê tal prática e isso está relacionado ao que ele é e ao que ele retém de suas experiências de vida.

Logo, as experiências estéticas, como as que se dão por meio da literatura, podem ser associadas ao campo pedagógico integrando experiências que possivelmente podem ser evocadas nas vivências do trabalho docente. Compreendemos que vivenciar o contato com a literatura ainda na formação inicial pode ser essencial nas práticas futuras desses docentes em formação.

O profissional docente é apontado pelas pesquisas como um ator fundamental no cenário da educação uma vez que ele é quem vai mediar a prática educativa, levando os alunos a aprender, a pensar e a agir com autonomia diante da realidade. Como nos afirma Gadotti (2000, p.11): “A educação é de boa qualidade quando ela forma pessoas para pensar e agir com autonomia. [...] Isso depende fundamentalmente do professor”. – Por ser ele o condutor da prática educativa.

Desta forma, é necessário que o professor adquira o hábito de pensar a realidade, não de modo a reproduzir raciocínios, mas pensar no sentido de procurar compreender a relação entre os fatos, e refleti-la a ponto de interferir na mesma quando necessário, nesta perspectiva as experiências estéticas literárias são fundamentais, pois, propiciam a condição de dialogar com a realidade a partir da arte.

Neste sentido, a leitura literária é evidenciada nas pesquisas relacionadas a educação e ao saber estético, por envolver um constante processo de formação, pois a leitura literária desencadeia uma série de reações estéticas, e a partir desta experiência novos significados são acrescentados a subjetividade dos sujeitos, ampliando lhes suas visões de mundo. Além disso,

as obras literárias permitem a compreensão da realidade cotidiana de forma mais reflexiva, promovendo a autoconsciência. Essa experiência é muito importante nos contextos da formação tanto de professores quanto de alunos de todos os níveis de ensino.

Ainda com os olhos fitos no baú troco novamente as lentes para associar literatura e formação humana.²⁸ A literatura foi mencionada nas pesquisas como potencial no que diz respeito à formação humana. Sendo assim, na prática educativa os reflexos do contato com as obras literárias podem ser fundamentais, pois a educação tem como cerne relações humanas, tanto educador quanto educandos são sujeitos, seres humanos em sociedade. Logo, a forma como esses sujeitos lidam com essa relação é o que garante um bom desenvolvimento da prática educativa.

Na perspectiva da formação humana as pesquisas mostram que a arte Literária reflete a essência do ser humano. Desta forma, levam os indivíduos que mantêm contato com ela a se conscientizarem, refletirem, sobre as questões relacionadas ao gênero humano, despertando desta forma, um olhar mais sensível sobre a realidade em que estão inseridos e sobre outras realidades que muitas vezes, só conhecem por meio de contextos artísticos literários. Algumas pesquisas apontam que a arte literária ao retratar o ser humano e sua essência em sua totalidade, os levam a refletir e até mesmo lutar contra condições de alienação propostas pelos diferentes sistemas, inclusive o capitalismo – estabelecidos na sociedade atual em contextos diversos. Com isto, a literatura vai na contra mão de uma realidade que vem sendo proposta, mas que caminha distante de uma formação estética.

Nesta perspectiva, as pesquisas pontuam sobre a importância da escola como espaço educativo de humanização, que tem a incumbência de levar os alunos a recepção da arte, tendo em vista que a arte, ao ser apropriada pelos sujeitos possivelmente pode contribuir para o auto reconhecimento, para a formação omnilateral, superando a alienação produzida pelo capitalismo.

Desta forma, trazendo o enfoque para a literatura, evidencia-se a necessidade de se ampliar os espaços para a apreciação da arte literária, isto significaria ampliar meios de uma formação estética e humana que poderá levar os indivíduos a se conscientizarem da importância de ampliarem sua visão de mundo para além de suas necessidades singulares, levando-os a reverem suas concepções de mundo, de (ser) humano e de vivência em sociedade.

²⁸ Este quinto e último tema surge no estado da arte porque a literatura também foi analisada como potencial no que diz respeito a formação humana, sendo apontada nas pesquisas como propícia às experiências estéticas capazes de levar os indivíduos a refletirem sobre as mais diversas experiências humanas.

Ainda nesta perspectiva, as pesquisas mostram a necessidade de se ampliar a visão de mundo que fundamenta a formação inicial e continuada de professores. Neste contexto, evidencia-se a necessidade de levar essas formações a serem mais amplas no que diz respeito a formação humana em sua totalidade, fugindo de se pensar uma formação com enfoque apenas nos problemas que surgem na prática educativa. Logo, evidencia-se que a arte literária extrapola as interfaces do ensinar e do aprender, apresentando aos sujeitos que compõem o contexto educativo a pensarem para além do que se vê, despertando neles um olhar mais sensível a realidade que lhes cercam, bem como a de outros seres humanos.

Ainda diante do baú de livros, retiro as lentes que tomei até agora, e o abro novamente... desta vez, abro também um livro e fito os olhos no pequeno espaço que há entre as palavras, simplesmente permaneço em silêncio e tudo que apreender deste silêncio, mostrarei nas próximas páginas...

3 O que você quer ser quando crescer?

Eu. Duas letras, que unidas se tornam um ser. Uma palavra que é vida, como todas são. Não importa se digo esta ou qualquer outra palavra. Toda palavra é viva. E “nenhuma palavra vive sozinha. Toda palavra é composta. Se escrevo mar, nessa palavra rolam ondas, viajam barcos, cantam sereias, brilham estrelas, algas, conchas e outras praias”.²⁹ Quando digo mar, involuntariamente revivo memórias. Me revejo em suas ondas, em sua grandeza e na inconstância da vida.

Sim, toda palavra é viva, “se digo pai, é aquele que me ama ou aquele que não conheci ou aquele, ainda, que me abandonou”.³⁰ Quando digo pai, é aquele que me ama, e por me amar, por vezes me aborreceu. E por me amar, sempre me protegeu. E por me proteger, por vezes me aprisionou. É aquele ao qual eternamente expressarei profundos e sinceros sentimentos de gratidão e amor.

Quando digo pai, é também Aquele cujos “olhos viram o meu corpo ainda informe; e no teu livro todas estas coisas foram escritas [...]”.³¹ Aquele que é onipotente e onipresente do Qual nada posso esconder, pois “não havendo palavra alguma na minha língua, eis que logo tudo conheces”.³² Pai, é uma palavra infinita.

Certamente, “toda palavra brinca de esconder outras palavras. Quando se lê uma palavra o coração escreve mais outras”.³³ E quando leio: “eu”, meu coração se coloca diante de um papel em branco e num silêncio que diz pouco, numa voz quase inaudível, por horas ele fica sem saber o que escrever. É que “eu” é uma palavra muito obscura, muito profunda numa dimensão na qual nascemos e dela um dia vamos partir.

O “Eu” não tem medida, não tem saída e não tem cor. Por ser assim, deste “eu” não posso fugir, para além disso, sei que “é inútil procurar encurtar o caminho e querer começar já sabendo que a voz diz pouco, já começando por ser despesoal. Pois existe a trajetória, e a trajetória não é apenas um modo de ir. A trajetória somos nós mesmos”.³⁴ E se minha trajetória sou eu, meu coração começa a enxergar o papel como uma luz nesta escuridão abismal.

De certo, quando digo trajetória não imagino linhas retas, me arrisco desde que vivo, entre riscos e rabiscos, sem direito de apagar os caminhos em que me perdi. Continuo a me

²⁹ QUEIRÓS (2007, p. 53)

³⁰ (Ibidem)

³¹ BÍBLIA (SL. 139.16)

³² Idem (SL. 139.4).

³³ QUEIRÓS (2007, p. 53)

³⁴ LISPECTOR (2009, p.176)

procurar, juntando os pedaços que vou encontrando pelos descaminhos e tirando de mim pedaços de outros que adicionei a mim por engano. Logo, partindo a dentro da palavra “eu”, meu coração começa a palpitar minha trajetória no papel. Para ele a palavra “eu” parece uma prisão, mas, “mesmo que estivesse em uma prisão, cujos muros não permitissem que nenhum dos ruídos do mundo chegasse a seus ouvidos, não teria sempre a infância, essa riqueza preciosa, régia, esse tesouro das recordações?”³⁵ Deveras, que sim!

E assim sendo, meu coração me coloca diante de uma fotografia. Voltando-se para si mesmo como se voltasse a fazer circular em mim o sangue que o fazia bater iluminado por aquele flash. Pois, sente que “se desse ato de se voltar para dentro de si, desse aprofundamento em seu próprio mundo, resultarem versos [...] verá neles seu querido patrimônio natural, um pedaço e uma voz de sua vida”.³⁶ Tal vida, começa a reviver nas palavras a seguir, escritas por um coração que para dar vida a tais palavras rumina o sangue que me fazia viver em minha infância.

³⁵ RILKE (2011, P. 26)

³⁶ (Ibidem)

3.1 A doce menininha

Figura 2 - A primeira formatura



Fonte: arquivo pessoal, 08/12/2000.

Contemplativa, observava uma fotografia. Ela estava sentada olhando para aquele papel que tinha impresso em si uma menininha. Ela sabia que a menina que estava presa naquele papel, dentro daquela fotografia, era ela mesma. Mas, ao olhar dentro dos olhos daquela menininha, se sentia muito distante dela, mesmo sabendo que se tratava de si mesma.

Apesar de ainda não ter crescido, aquela menina presa no papel parecia muito grande e livre. E a mulher que a olhava de fora se sentia pequena e presa, como se ambas tivessem trocado de lugar e a menininha ganhasse vida fora do papel, prendendo dentro da fotografia a mulher que a observava.

Essa sensação a perturbava, e quanto mais ela fitava os olhos naquela menininha, mais presa e pequena ela se sentia. E a menininha um tanto mais livre se parecia. O seu olhar sereno aos poucos se pareceu sarcástico, como se a pequena menina soubesse tudo que a grande mulher

que a olhava não sabia. No mais profundo daquele olhar a menina, ironicamente, como se não soubesse, perguntava:

– O que você quer ser quando crescer?

E quanto mais olhava para a menina, mais a mulher se sentia pequena e presa. Como se realmente estivesse sendo comprimida para caber dentro daquele papel. E a menina, de forma inusitada, aos poucos parecia dominar a mulher que a olhava, como se tivesse sobre ela todo o poder. Enquanto a mulher a olhava, sentia que ela sabia de cada passo que tivera dado na vida, e lhe parecia tão sábia que a fazia pensar que poderia lhe ajudar a seguir em frente. Aos poucos, a menina ganhava vida, e a mulher se diminuía para dar lugar a sua vivacidade. A doce menina, que antes estava presa, agora corria. Corria livremente com força e coragem.

Sua beca prontamente foi iluminada pelo sol que a cobria. O capelo aos poucos se perdeu pelo vento e as mãos da menina não levava mais um diploma, mas segurava tudo que lhe atraía pelo caminho: flores, cores, dores, amores. Tudo que era vivo lhe atraía.

O amarelo reluzente de sua beca combinava com os canarinhos que voavam em torno dela. A menina parecia uma fada encantada a levitar sobre a vida iluminando o caminho com sua cor brilhante e com os pássaros radiantes que a seguiam.

O Sol que aquecia sua pele fazia brilhar as pedras das ruas. Ela apreciava cada canto da cidade. Sobre as linhas férreas do trem, a menina se equilibrava, enquanto seguia pelo caminho juntando as pedras coloridas e brilhantes que encontrava no meio dos trilhos.

A doce menina não dizia mais nada, nem tão pouco se preocupava em ter respostas sobre a pergunta que anteriormente fizera a mulher. Parecia querer apenas lhe mostrar que fora irônica na pergunta porque na verdade tinha todas as respostas.

A mulher cada vez mais persuadida pela menina, se encantava com a delicadeza com a qual apreciava o caminho, juntava as pedras, tocava as flores, apreciava os pássaros e dos espinhos sentia as dores, sorria para o arco-íris e se encantava com suas cores. O caminho não era muito longo, andava por atalhos, mas por ele a menina viajava meio mundo enquanto caminhava. Cada detalhe da natureza que a cercava tinha um brilho especial e cada passo que ela dava lhe transmitia um encanto um tanto comovente.

A mulher presa no papel admirava a forma como a menina fazia tudo no caminho ser de fato vivo e colorido. A vida era deveras viva porque a menina efetivamente estava atenta a tudo que era vivo. Isso fez com que a mulher percebesse que a vida só é viva quando permitimos que assim seja.

A doce menina era capaz de admirar as paisagens que via no caminho. Os campos, as folhas caídas pelo chão, e as árvores que tinham silhuetas que mais lhes pareciam

personagens de livros literários. Tinha a sensibilidade de contemplar o pôr do sol e a beleza da neblina que cobria os montes. Era capaz de se maravilhar ao observar os pássaros com seus cantos, seus ninhos e suas penas reluzentes. Se encantava com o brilho do sol nas pedras das ruas, e com as gotas da chuva que, ao cair no chão, lhes pareciam bailarinas com seus vestidos brilhantes e com seus passos delicados.

Aos poucos a mulher se sentia menina, como se aquela fotografia fosse uma janela para um verdadeiro mundo, um abrigo de memórias preciosas, um tesouro perdido dentro de um papel. Nas mãos, sentia a textura aveludada das flores e, no brilho dos olhos, trazia a intensidade das cores, dos amores, das dores. Sentia o toque das mãos de sua mãe, que embrulhava suas pequenas mãos como se fossem luvas, presenteando-a com o futuro para o qual a conduzia.

Suavemente, sentia seus passos embalados pela trilha sonora que ouvia: o canto da boneca que levava nos braços. A esta tratava como se fosse filha de seu ventre e a amava como mãe, verdadeiramente. Se sentia amada por ela, e lhe amamentava com sua imaginação dando-lhe vida. Entre muitos cenários imaginários, o cenário real da vida: dúvidas, medo, anseios, sonhos e perspectivas. Enquanto brincava com sua bonequinha, uma interrogação real lhe surgia:

– O que você quer ser quando crescer?

Sem saber o peso do que é crescer, a doce menina respondeu determinada:

– Serei professora!

Embaçada entre lágrimas, com olhos fitos na fotografia, a mulher já se via menina, se encontrou em suas memórias, se reviu em sua história e sentiu que de tudo que via e sabia, não sabia mais do que a doce menina.

Ainda persuadida por meu próprio coração, me vejo mergulhada em minha própria essência; esse pedaço de minha vida é inacabado. E nem toda uma vida é capaz de dar espaço para me formar por inteiro. A minha essência exala um perfume, eu sinto, mas não a vejo. A professora que me tornei até aqui, para mim talvez esteja claro... Mas como me tornei o que sou? Isso precisa ser por mim desvelado.

Vou nascendo e me descobrindo aos poucos enquanto me permeio. Busco caminhar em meu próprio território sendo eu o próprio campo que pretendo investigar. Isto pode parecer fácil como se eu pudesse entender tudo que se perpassa por dentro e por fora de mim. Mas, preciso “sair” de mim mesma, e alcançar um ponto crucial, que não seja perto nem longe demais, mas do qual eu me veja e me perceba enquanto me torno o que sou em minha docência.

Assistida por meu próprio coração agraciado pela literatura, dou-lhe o direito de me fazer reviver e contar a minha trajetória de doce docência. Eu poderia prolongar esse parágrafo e fazê-lo alcançar a dimensão que a literatura ocupa em mim, mas deixo que páginas a frente desvelem o que não se limita neste parágrafo. Para além disso, ela se desvela em todos os capítulos, nas entrelinhas, no silêncio entre as palavras e em toda a vida que se permita entrecruzar com a minha nestas linhas.

Enquanto faço meus caminhos e descaminhos permito que me vejam, e nos meus passos falhos e tortos quero mostrar o que é se tornar esse ser que vive em constante formação tendo a “incumbência” de “formar” tantos outros seres inacabados. E nesta interligação entre mim e meus tantos outros – seres reais e literários – encontro pontes que me levam a ser cada vez mais, eu mesma. Quero mostrar o que sinto enquanto me transformo neste processo ininterrupto de me tornar docente nesses meus caminhos nem sempre doces.

3.2 Por caminhos e descaminhos

Minha terra tem Palmeiras onde canta o sabiá?
As aves, que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá?³⁷

Eu vivo o tempo todo em mim mesma. Sou a minha própria companhia a todo momento, mas às vezes encontrar a mim mesma é tão difícil! Tanto quanto procurar a saída de um labirinto. Corro para lá e para cá, e muitas vezes, mesmo conhecendo todos os cantos, “sou remota a mim mesma, sou-me inalcançável como me é inalcançável um astro”,³⁸ como se a minha própria presença fosse um território distante e desconhecido. Um exílio.

Minha terra tem primores, que tais não encontro eu cá? Se eu cismar sozinha a noite, mais prazer eu encontrarei lá? Se “é na presença que o homem constrói seu modo de ser, a sua existência, a sua história³⁹”; E se é justamente o meu modo de ser que busco compreender, encontro na terra que “sou” o meu ponto de partida e também de chegada. Já que “toda busca retira do que se busca a sua direção prévia”,⁴⁰ na possibilidade de me compreender, traço atalhos em meus vários descaminhos: em minha terra o céu tem mais estrelas? As várzeas têm mais flores? Os bosques têm mais vida? E as vidas? Têm mais amores? Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá?

De fato, “o silêncio do mundo nos acorda perguntas que exigem cuidados ao respondê-las, sem ferir seus segredos, protegendo seu alumbramento”.⁴¹ Logo, “perguntar é querer saber mais. E não se vive sem respostas”.⁴² Assim, tendo o mais singelo e sincero cuidado em responder a tais perguntas, digo que “minha terra não tem palmeiras... E em vez de um mero sabiá, cantam aves invisíveis nas palmeiras que não há⁴³”, minha terra tem sementes que eu não escolhi plantar.

Tais sementes, caíram dos bicos das experiências que me deram asas para voar junto a invisibilidade dos pássaros. “A palavra ‘experiência’ nos serviu e nos serve para nos situar num lugar, ou numa intempérie, a partir da qual se pode dizer não: o que não somos, o que não queremos. Mas nos serviu também para nos afirmar a nossa vontade de viver⁴⁴”, quando ouço a palavra experiência de pronto sou remetida a palavra tempo.

³⁷ Texto baseado na obra do autor consultado (DIAS, 1846, p. 9)

³⁸ LISPECTOR (2009, p. 84)

³⁹ HEIDEGGUER (2015, p. 561)

⁴⁰ Ibidem (p. 40)

⁴¹ QUEIRÓS (2007, p. 14)

⁴² Idem

⁴³ QUINTANA (1966, p.9)

⁴⁴ LARROSA (2015, p. 74)

E assim, sem me apartar do cuidado que as perguntas me exigem, digo que “minha terra tem relógios cada qual com sua hora, nos mais diversos instantes”⁴⁵, chego a pensar que sou feita de inúmeros relógios que não têm tempo para esperar o meu tempo. Num “tic-tac” constante como gotas d’água, entrelaçam meu passado, presente e futuro. E neste gotejar de instantes de mim, encontro-me com minha própria presença a partir de meu passado, pois a minha presença é o meu passado no modo de meu ser.⁴⁶ Desta forma, entendo que a constituição do meu ser, se estabelece a partir do meu passado que embora passado, é sempre presente, assim como cada instante de tudo o que vivi.

Me parece suficiente apreciar-me a todo instante até a última gota de mim, é uma grande descoberta saber que “minha terra tem relógios cada qual com sua hora, nos mais diversos instantes, mas onde o instante de agora?” Se “é na presença que se há de encontrar o horizonte para a compreensão e possível interpretação do ser”.⁴⁷ Isto é, do que sou, do que haverei de ser; percebo que necessito ainda, encontrar um mirante perfeito, a partir do qual possa enxergar minhas fronteiras e tudo que me excede, tudo o que não está ao alcance de meu próprio olhar nesse eterno gotejar que me faz mar.

Por ser assim, “a própria coisa se acha profundamente envolta em densas trevas”⁴⁸, pois, ainda me encontro numa posição desprivilegiada, no que diz respeito a visão de mim mesma, como se estivesse posicionada nos interstícios de uma distância ou de uma proximidade grande demais, de forma que a minha possibilidade de enxergar a minha própria presença é exilada.

Mas, se minha presença é o meu passado em meu modo de ser, devo retornar o caminho e encontrar o fio da memória que me leva a retomar a mim mesma como se me descontruísse e encaixasse os pedaços de mim em seus devidos lugares novamente. Mas, ainda que retornasse ao meu passado não encontraria em mim mesma uma visão plena, a partir da qual possa me enxergar por inteiro.

Por mais que eu seja o meu próprio lar, cada vez que busco me encontrar e me enxergar por inteiro, me sinto um tanto menos pertencente a mim mesma, como se ao tentar desemaranhar a trama do que sou, fizesse nós em vez de criar laços com a minha própria presença, tendo como sina inúmeros desencontros.

⁴⁵ QUINTANA (1966, p.9)

⁴⁶ HEIDDEGUER (2015, p. 58)

⁴⁷ HEIDDEGUER, (2015, p.79)

⁴⁸ KANT, apud in HEIDEGGER (2015, p. 65)

E assim, neste gotejar constante tento me retomar, todo esforço é inútil, sinto-me escorrer por entre os dedos, ao mesmo tempo em que diante desta terra enxergo um pedaço do sou “nos mais diversos instantes, mas onde o instante de agora? Mas onde a palavra onde?”⁴⁹ sinto-me perdida, e “sob os céus da minha terra eu canto a canção do exílio”, neste exílio de papel caminho e descaminho.

Porém, imprevisivelmente, como uma borboleta que inesperadamente pousa num cenário de caos e cinzas, e embeleza o espaço preto e branco ao ilumina-lo com suas densas cores, percebo que “[...] um livro ou um objeto de arte, às vezes o olhar de uma criança, a voz de uma pessoa ou de um pássaro e por vezes, até mesmo o ruído do vento [...]”⁵⁰ Uma nuvem no céu, ou uma pedra no chão, a escuridão da noite ou o raiar do dia, uma palavra, até mesmo algo que tenha acontecido há anos atrás na minha infância... “Tudo isso e coisas bem menores, aparentemente casuais, podem suscitar e fortalecer um auto encontro ou um autoreencontro.”⁵¹ Por dias olhei para o branco deste papel, com olhos igualmente brancos, esperando que as palavras brotassem fora do tempo.

Busquei em mim mesma a minha própria história... mas só fiz me perder, por não saber os caminhos, por não começar do início, por não saber onde tudo começou. Percebi que as palavras que desejo fazer brotar não estão no fosco do olhar branco deste papel, mas no brilho do meu próprio olhar que neste momento reflete muitas crianças numa fotografia.

Assim, encontro nesta imagem uma porta para ir além de minhas próprias fronteiras. Logo, ao olhar para esta imagem num “punctum”⁵² instante, me feri, assim senti a mim mesma olhei para mim mesma e logo pude pensar em quem sou a partir de “uma espécie de extracampo sutil, como se a imagem lançasse o desejo para além daquilo que ela dar a ver [...] para a excelência absoluta de um ser, alma e corpo intrincados.”⁵³ Ao contemplar esta imagem, sinto como se estivesse sendo descongelada da imobilidade que me prendia, que me exilava e frustrava todos os passos em direção ao horizonte de mim.

⁴⁹ QUINTANA (1966, p.9)

⁵⁰ RILKE (2007, p. 90)

⁵¹ Ibidem

⁵² A palavra punctum significa picada, pequeno buraco, mancha etc. O conceito foi apropriado por Barthes (1984, p. 46) para refletir sobre o quanto uma fotografia pode nos tocar profundamente.

⁵³ BARTHES (1984, p. 89)

3.3 O horizonte de mim: cabelos grisalhos, pele enrugada e olhos azuis.

Figura 3 - Registro do jardim da infância marca meus primeiros momentos na escola



Fonte: arquivo pessoal, 03/10/2000

A doce menina mais uma vez me atrai, como se me chamasse para uma viagem mais longa, para um mundo distante, para além de mim... Como se no brilho do meu próprio olhar brotasse vivências passadas, as crianças, que até então também estavam imobilizadas na fotografia, começaram a correr e brincar para lá e pra cá, enquanto a menina observa as flores no canto do pátio... Assim, começo a perceber que “minha memória desconhece as fronteiras por ignorar seu tamanho. Viajo sem passaporte para depois de mim, para dentro de mim, para além do sonho⁵⁴.”

Com o olhar fito na menina, eu a admirava brincar com as flores, ela contava suas pétalas, sentia a textura de uma a uma, e interagia com as borboletas que pousavam por ali... Ao levantar-se rapidamente, ela deixou seus óculos caírem, e eles se quebraram. E nos

⁵⁴ QUEIRÓS (2012, p.10)

estilhaços dos seus óculos eu a vi um pouco maior... Como num filme, o tempo ligeiramente deu mais um passo. Um sinal alertou a todos que estavam naquele lugar, que deveriam voltar para suas salas, e assim todos voltaram e se organizaram em suas carteiras enfileiradas umas atrás das outras... O silêncio pairava sobre a sala quando a professora, olhou a menina diretamente nos olhos, e questionou sobre o que estava escrito no quadro branco posicionado a sua frente. A menina respondeu corretamente, como se já fosse um pouco íntima daquelas palavras. E assim, foi direcionada a uma outra sala, na qual estava diante de outros rostos, outros olhares.

E nesses olhares eu a vejo um pouco maior. O rosto dela mudou, mas ela continua a evoluir em sua própria essência... um tanto menos comprometida com as coisas propícias daquele momento, eu a vejo no canto da sala fazendo desenhos e distribuindo para os outros: silhuetas e corpos traçados com suas pequenas mãos suscitadamente trêmulas; que ao serem apresentados, se tornavam vivos na imaginação dos outros corpos presentes. O momento não era adequado, o tempo nunca para, na verdade ela devia estabelecer certa reciprocidade entre os olhos brancos do quadro que se posicionava a frente de todos, e os olhos brancos do papel que estava diante de si.

Por não ter sido assim, vi lágrimas surgirem em seus olhos. No caminho de volta para casa ela chorava copiosamente, disseram-lhe que se ela não se esforçasse mais, o tempo não esperaria que ela terminasse seus desenhos... No embaçado de seu olhar lacrimoso vi pais dedicados a ajudá-la a caminhar pra frente...

Vi que sua mãe sempre estava dedicada a lhe ajudar e a lhe mostrar os melhores caminhos, sempre lhe conduzindo a ser a melhor versão de si mesma, a partir de seu próprio exemplo. Seu pai caminhava na contramão da vida, e acreditava nela em todos os momentos. Escrevia com a mão esquerda, e enquanto se esforçava para aprender a escrever com as duas mãos, lhe dizia que se ela desejasse aprender algo bastava tentar até conseguir... Em seguida lhe mostrava o olhar branco do papel, pupilado por uma progressão de assinaturas feitas por ele, com as duas mãos... Assim, ela viu nos traços de seu pai, os caminhos de sua própria vida, sendo projetados com esforço, marcados pela superação de falhas, e pela perseverança nos momentos de inconstância da vida.

Desta forma, a menina seguiu em frente, me conduziu a passos largos a uma sala, novamente diante de um quadro branco, ela já era uma moça bem maior... Desta vez a figura do professor me é mais nítida, um senhor muito autoconfiante, com seus poucos cabelos grisalhos, pele enrugada e olhos azuis... nos primeiros momentos ele questionava sobre o que

entendiam a respeito de filosofia... Ela na verdade não entendia muita coisa e naquele momento, internamente duvidava que fosse entender, os olhos brancos daquele quadro lhes diziam muito pouco.

Então, aquele professor, viu diante daquele quadro branco, entre as quatro paredes, a impossibilidade de que vissem o horizonte que desejava mostrar... sentiu a necessidade de levá-los a outro campo de visão. E assim todos foram conduzidos por ele a parte externa daquela sala, onde podiam respirar o mesmo ar que os pássaros e onde tinham por limite o céu. Ali os fez fecharem os olhos do corpo para abrirem os olhos da alma, ao ouvirem uma canção⁵⁵ cuja letra dizia:

Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria

É só o amor! É só o amor
Que conhece o que é verdade
O amor é bom, não quer o mal
Não sente inveja ou se envaidece

As ondas sonoras daquela canção, somadas ao silêncio que pairava sobre cada palavra fez com que a menina refletisse profundamente sobre a vida... Enquanto a música tocava ela via o mundo passar em cenas por sua mente... E questionava-se a respeito do amor tentando decifrá-lo, a canção respondia a cada interrogação que lhe surgia, dizendo-lhe que:

O amor é o fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer
É um não querer mais que bem querer
É solitário andar por entre a gente
É um não contentar-se de contente
É cuidar que se ganha em se perder

A canção conversava com ela e comigo, ao nosso redor tudo se transformava em diálogo, como se aquela canção pudesse dar voz ao que até então era inaudível, invisível a olhos nu... com aquela canção, naquele lugar externo ao olhar branco daquele quadro, que sempre dizia muito pouco, aquele professor levou todos a cobrirem os olhos com as lentes da arte – “a imagem da vida mais profunda, do viver mais do que viver de hoje e sempre possível em todas as eras”⁵⁶ – para que se sensibilizassem com o que de fato é importante na vida. E as indagações

⁵⁵ Canção Monte Castelo do grupo Legião urbana: a letra é inspirada nos versos do livro Bíblico de I coríntios 13, como também no poema “O amor é um fogo que arde sem se ver” (soneto - 005) de Luís de Camões.

⁵⁶ RILKE (2007, p.61)

jorravam como uma fonte na mente da menina e também na minha... Nas ondas sonoras da canção ela navegava e descobria que o amor:

É um estar-se preso por vontade
 É servir a quem vence, o vencedor
 É um ter com quem nos mata a lealdade
 Tão contrário a si é o mesmo amor
 [...]
 É só o amor! É só o amor
 Que conhece o que é verdade

Com essa canção o professor soube “ajustar e pôr na relação certa essas duas vozes: a de um momento específico e a de um grupo de pessoas nele.”⁵⁷ Como Rodin, “sentia de onde era preciso começar, uma calma que existia nele lhe mostrava o caminho mais sábio.”⁵⁸ E assim fez de seu ofício uma grande e espetacular obra de arte. Desta forma, plantou na memória de todos uma semente, “tal semente crescia para baixo e ancorava-se antes de empreender um pequeno impulso para cima, isso consome tempo e mais tempo.”³² Porém, neste momento esta semente floresce em minhas palavras.

Como se naquele momento, antecipasse o hoje através de uma semente, que até então eu não enxergava – pelo fato de estar a germinar-se pouco a pouco na terra que sou – agora a vejo desvelar-se na medida em que mergulho em mim mesma, não por meio de uma profunda introspecção, mas sim por meio do outro, através do qual podemos preencher a nossa absoluta necessidade estética, do seu ativismo que vê, lembra-se, reúne e unifica, que é o único capaz de criar para ele uma personalidade externamente acabada⁵⁹. Assim, vejo nesta menina que já não sou, tal personalidade, esta que “não existe se o outro não a cria”, vejo naquele professor, esse outro que plantou em mim sementes que materializam hoje, a produtividade da minha memória estética, e neste momento cria em mim pela primeira vez, o meu homem exterior neste meu novo plano da existência.⁶⁰

A partir de então começo a entender, a perspectiva, de que a minha própria presença, “é sempre o seu passado e não apenas no sentido do passado que sempre arrasta atrás de si, e desse modo, possui como propriedades simplesmente dadas, as experiências passadas que as vezes agem e influem sobre ela”, mas sim que ela sempre acontece a partir de seu futuro, pois seu próprio passado não segue, mas lhe precede antecipando os passos.⁶¹

⁵⁷ Ibidem

⁵⁸ RILKE (1995, p.28)

³² Idem (1995, p.29)

⁵⁹ Bakhtin (2011, p. 33)

⁶⁰ Idem

⁶¹ Heidegger, (2015, p. 58)

Observo, que para a nossa presença, não existe fronteiras entre nós e o outro. O outro é o horizonte a partir do qual enxergo o que não é possível em mim mesma, a partir de meus próprios olhos. Eu sou para o outro o que ele não enxerga em si mesmo. Nós nos completamos, e isso independe de qualquer limite imposto pela vida, pois mesmo que o nosso outro já não mais viva, sua presença permanece viva em nós, na nossa memória, nos dando acabamento e fazendo-nos enxergar em nós mesmos, a nossa própria presença, esta que é plenamente visível somente a partir do outro.

Ainda na companhia da menina, essa minha personalidade externa a partir da qual me vejo em consonância com tantos outros que me completam, continuo a refletir nas ondas daquela canção que ainda hoje sussurra em minha mente: é só o amor, é só o amor que conhece o que é verdade... não posso deixar a canção terminar sem me arriscar a responder: o que é o amor? sinto-me distante de uma resposta concreta.

Mas, que abismo entre a palavra e o que ela tentava [...] Amor é a matéria viva? ⁶² Respondo que sim! O amor é matéria viva. Tão vivo, tão vivo que se materializou, naquele momento em que a menina teve a experiência real de visualizar o saber nascer em si mesma, por meio daquele Professor, um senhor nobre e simples, de cabelos grisalhos, de pele enrugada e olhos azuis; que neste momento, já não pode mais abrir os seus olhos, para que brilhe e a conduza a outros horizontes, mas, embora morto, vive, através dos olhos dela que hoje fez brotar neste papel as palavras que naquele dia ele plantou como sendo seu professor.

Ainda tendo a fotografia em mãos, continuo a caminhar para além do que ela mostra, e continuo a ver para além do que ela dá a conhecer. Sinto em minha alma, que “florescer [...] numa coletividade grandemente concebida pode parecer mais belo e recompensador do que florescer em nosso próprio ser.” ⁶³ Pois quando florescemos nos outros e com os outros, excedemos a nossa própria temporalidade e nos mantemos vivos na presença de cada ser, que através de nós pode ver o que os seus próprios olhos jamais poderiam mostrar.

Neste momento, vejo que meus olhos castanhos, misturaram-se naqueles olhos azuis. Através desta imagem que me levou a evocar inúmeras memórias, me coloco no lugar daquele professor, pelas lentes dos olhos de uma menininha. Daqui enxergo um horizonte que jamais enxergaria dentro do meu próprio corpo. Encontro para além dos meus limites, tudo o que excede a minha visão – até então limitada – ao me colocar no lugar desse professor que passou pela vida, pela minha vida, e fez em mim sementes brotar.

⁶² LISPECTOR, (2009, P.25)

⁶³ RILKE (2007, p. 89)

Compreendo que o que sou, não consiste num voltar-se para mim mesma, do contrário, é me voltando para o outro que posso encontrar o que sou. Viver a vida, efetivamente, é a experiência maior de ter no outro um horizonte, e ser o horizonte dos outros é encontrar a nós mesmos –isto é, o nosso EU – dentro dessa relação que se dá com o mundo, com a linguagem, e com o outro – isto é, com o TU – que nos permite ser e viver o que realmente somos. Assim, “o EU se realiza na relação com o TU e tornando EU que digo TU. Toda vida atual é encontro”⁶⁴, e viver é encontrar-se com os outros, ter através dos outros os nossos horizontes.

Hoje, neste novo plano de minha existência, como professora ocupo um lugar que aquele professor, com seu corpo, com sua pele enrugada, e com seus olhos azuis, já não pode mais contemplar, mas através de suas pequenas sementes plantadas em mim, embora esteja morto, ele vive. Vive e floresce em mim, intrincado em meus cabelos crespos, na minha pele ainda jovem, e nos meus olhos castanhos, iluminados pelo azul do céu do horizonte de mim, que encontrei nele e em tantos outros professores, em tantas outras pessoas, em tantas vivências que tive na escola, na universidade, nos livros, na arte, na vida.

⁶⁴ BUBER (1974, p. 19)

3.4 Encontros e reencontros

Figura 4 - registro de um momento de contemplação na universidade



Fonte: Arquivo pessoal, 07/06/2014

[...] Mas a flor nunca acabava de preparar a sua beleza, no seu quarto verde. Escolhia as cores com cuidado. Vestia-se lentamente, ajustava uma a uma, suas pétalas. Não queria sair, como os cravos, amarrotada. Ela queria aparecer no esplendor de sua beleza [...] E eis que numa bela manhã, justamente à hora do sol nascer, ela se mostrou [...] ⁶⁵

Ela ainda terminava de ler essa parte quando alguém se aproximou e disse:

- Está lendo “O pequeno Príncipe”? Eu o li há muitos anos atrás...
- É, estou lendo sim, é um livro muito bom, com ele podemos refletir sobre muitas coisas...

E continuou a leitura entre inúmeras reflexões [...] Era mais um dos seus primeiros dias na escola, como professora. Percebi que ela já não era mais apenas uma menina. Mas é a mesma que há anos atrás, brincava de boneca afirmando que seguiria os caminhos da docência. É também, a mesma na qual se plantou inúmeras sementes, que vão além das que foram plantadas pelo seu professor de filosofia e por tantos outros, que se velam por trás de cada palavra que faz a pupila do olhar branco desse papel.

O tempo passou e confirmou seu destino como docente. Mas não foi num virar de página, ela teve que fazer seus caminhos com seus próprios pés, e assim, nem sempre caminhava entre flores. Mas, soube enfrentar tudo para vir a florescer. Isso leva tempo, pois é necessário preparar a beleza, pétala por pétala, tendo muito cuidado ao escolher as cores.

Naqueles dias ela inaugurava o sentimento de estar na escola pela primeira vez como professora regente, embora não fosse a primeira vez que estivesse ali, cada vez que ela pisava naquele chão inaugurava um olhar sobre aquele lugar, assim como as pessoas inauguravam um olhar sobre ela. Seu primeiro olhar sobre a escola foi como aluna, em seguida como professora em formação, e logo depois como professora regente. Para cada vez que esteve ali lançou mão

⁶⁵ (EXUPÉRY, 2015, p. 29)

de diferentes lentes. Como fazemos a cada primavera, ao admirarmos as flores. Nunca o olhar é o mesmo:

O Pequeno Príncipe, então, não pôde conter o espanto:

- Como és bonita!

- É verdade! Respondeu a flor docemente. E eu nasci ao mesmo tempo que o sol...

O Pequeno Príncipe percebeu logo que a flor não era modesta. Mas ela era tão emocional! [...] ⁶⁶

Cada vez que inauguramos um olhar sobre algo, traçamos impressões sobre o que vemos, no caso dela, aquele olhar era abrilhantado por memórias das inúmeras vezes que esteve naquele mesmo lugar durante toda sua vida. Quando era uma pequena aluna trazia no brilho de seu olhar, memórias de suas bonecas de pano, que foram suas primeiras alunas.

Em sua formação docente, recorria às memórias de sua vida escolar a partir de novas lentes, e começara a entender a dimensão humana de seu futuro ofício. Assim buscava cada vez mais compreender o ser humano que não via em suas bonecas de pano, mas com o qual teria de lidar e conviver durante todo seu trabalho como professora. Começara a aprender que todo professor precisa saber lidar com suas emoções, ser tão sensível quanto as pétalas das flores, mas ao mesmo tempo tão forte que suporte carregar em si inúmeros espinhos. Ela pouco a pouco aprendia isso com os outros, e nem sempre foi nos cenários reais da vida...

- Creio que é hora do almoço – acrescentou ela. – tu poderias cuidar de mim... E o pequeno príncipe, todo confuso, fora buscar um regador com água fresca, e molhou a flor.

Assim, ela logo atormentou-o com sua vaidade exagerada. [...] “É bem complicada essa flor...” viera na forma de semente. Não pudera conhecer nada dos outros mundos. ⁶⁷

Assim, ela chegou na universidade: na forma de semente sem conhecer nada de outros mundos. Ao pisar pela primeira vez naquele lugar via iniciar a partir de seus próprios pés um caminho que traçava todo o seu futuro. Muitas expectativas por estar a realizar um sonho: a menina negra e pobre que ocupava um lugar numa universidade pública de qualidade... quanto chão até chegar ali.

Naquele lugar ela pôde traçar caminhos entre a universidade e a escola, dois chãos distantes, que ela unia com seus próprios pés ao levar um contexto para o outro e pensa-los como se fossem um. Ali, também encontrou quem cuidasse de si e regasse sua semente. Encontrou quem lhe ajudasse a escolher as cores e preparar a beleza. Nesse momento mais um caminho se cruza: o da literatura.

⁶⁶ (EXUPÉRY, 2015, p. 29)

⁶⁷ (Ibidem, p. 29-31)

Era na companhia dos livros que ela ia da universidade até a escola, as vezes com a chapeuzinho vermelho e o lobo mal, as vezes como princesa, outras vezes como madrasta má. Às vezes sozinha, e quando chegava lá as crianças que a conduzia a conhecer seus personagens reais e imaginários dando um tom de fantasia ao cenário real da sua vida, da sua história.

Figura 5 - Momento de leitura na biblioteca da escola onde atuava como bolsista do PIBID



Fonte: arquivo pessoal 10/09/2015

Para ela, isso era mágico como se pudesse estar em dois mundos ao mesmo tempo. Na verdade, encontrava nos livros sua realidade, e via na literatura caminhos possíveis: uma docência que ao seguir pelos atalhos da arte literária enxergava o mundo por outras lentes. Teve o privilégio de ter esta experiência neste momento tão importante, em que na forma de semente chegou na universidade. Encontrou quem dela cuidasse e lhe regasse, com a água que mata a sede que temos de arte, para suportar a vida.

Assim, percebeu em si um reencontro algo diferente. O que aconteceu numa nova primavera. A literatura desde a infância esteve em sua vida, sempre se refugiava nos livros, na escola, em casa, onde lhe fosse possível. A literatura estava sempre presente, nos mais diferentes cenários de sua vida. Mas, a partir do momento em que pôde traçar caminhos entre a docência e a arte literária, ainda em sua formação, sua vida docente ganhou outro sentido:

- [...] procura ser feliz... Pode deixar a redoma. Não preciso mais dela.
- Mas o vento...
- Não estou tão resfriada... o ar seco da noite me fará bem. Sou uma flor.
- Mas os bichos...

- É preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas. Dizem que são tão belas! Do contrário quem virá visitar-me? Tu estarás longe...⁶⁸

Já não precisava de uma redoma de vidro, aprendera a suportar o vento e admirá-lo, por esculpir as mais belas montanhas do mundo. Já não temia as larvas, aprendera a suportar o peso delas, pois via nelas o caminho para conhecer as mais belas cores da vida.

A menina, então professora, me mostrou muitas coisas através de suas lembranças, retomadas por meio daquela leitura. A pergunta que lhe fizeram enquanto lia o livro, lhe fez evocar um momento de reencontro com a literatura. Reencontro este que deu início ao compromisso e a necessidade de nunca mais apartar-se dela. Sempre trazia consigo um livro, e na escola onde trabalhava continuava a seguir por esse caminho que encontrou na universidade, ela ocupava aquele lugar sob um refúgio, que encontrara entre as páginas dos livros.

“O fio da palavra”, de Bartolomeu de Queirós, foi um dos primeiros livros que ela recebeu de presente da professora Fabrícia na graduação. No Programa Institucional de Iniciação à docência – PIBID, elas se colocavam a refletir entre um livro e outro. A professora Fabrícia, sabia que o fio da palavra embrulharia a menina com suas páginas, e faria um laço dando-lhe a literatura como um presente.

Figura 6 - Momento de estudo e orientação com professora Fabrícia junto ao grupo de pesquisa



Fonte: Arquivo pessoal, 09/10/2015

E assim aconteceu, dentro do livro a menina na companhia da professora e de tantos outros pares – reais e imaginários – descobriu que podia cultivar um jardim onde “entre pedras, brotam miúdas flores, pequenos ramos, brandos perfumes que o vento leva”⁶⁹ para todos os

⁶⁸ (EXUPÉRY, 2015, p. 34)

⁶⁹ QUEIRÓS (2012, p.10)

cantos da escola. “Um riacho corre ligeiro entre o verde [...] e as águas cantam uma cantiga molhada e clara que só o silêncio da memória escuta,”⁷⁰ dando voz a vida que a menina encontrou na arte do livro e que carrega consigo no exercício da docência, na vida.

Emocionada, a menina descobre que gratidão é a palavra que define esse reencontro e que ainda há muito que se pensar sobre isso, mas continuou a leitura:

“Ela não queria que ele a visse chorar. Era uma flor muito orgulhosa...”⁷¹ Mas a leitura foi interrompida:

- Professora a aula de artes acabou!
- Ok, já estou voltando pra sala.

⁷⁰ Ibidem

⁷¹ (EXUPÉRY, 2015, p. 34)

4 Da boneca de pano a sujeitos humanos: docência para além do que se vê

4.1 Para além do olhar: o que ela ou(viu) na escola

Quando ela entrou pela primeira vez neste lugar sentiu medo, um medo acompanhado pelo anseio de ser, de fazer, de se ver fazendo. Os olhos que a guiavam, eram os mesmos que um dia olharam nos olhos de suas bonecas de pano e brincavam com elas como se fossem suas alunas. Os olhos de suas bonecas faziam com que ela viajasse meio mundo em sua imaginação, porém não tinham brilho, nem espelho, nem passagem para abismo nenhum.

Neste lugar os olhares lhe servem de espelhos. Ela tem uma maneira diferente de olhar nos olhos, nos cantos, nos encantos, em tudo que se vê. Na madrugada ela saía de casa e desde o caminho, já se colocava a admirar tudo que se passava em cenas por suas pupilas. Seus próprios olhos, são um mundo por meio do qual ela transparece de forma velada o que traz em sua alma. Chegando aqui ela se assentou numa sala sozinha, esperando conhecer os mais distintos olhares. As paredes, os móveis, as cores e as frases registradas em alguns cantos, velavam o que acontecia todos os dias ali.

Os primeiros olhares que se cruzaram com os dela, lhes olhavam como se fechassem as portas de seus abismos, como se nada tivessem a mostrar. Com seus lábios lhes diziam que ela estava prestes a adentrar as portas do inferno, e lhes faziam recomendações como se já fossem experientes com as chamas, orientavam a doce menina a fazer cara de demônio para que pensassem que de todos os espíritos malignos, ela era o pior que adentrava ali. Naquele momento ela sentiu um frio na barriga como se tivesse que adentrar o mais profundo precipício sem lançar mãos de um para quedas, ela não sabia fazer cara de demônio.

Enquanto lhes falavam, ela se admirava pela forma que lidavam com tudo que acontecia naquele lugar. Num primeiro momento não se interessava em saber o porquê preferiam agir assim. Na verdade, ela queria sair daquela sala e conhecer os olhos diante dos quais ficaria a maior parte do tempo nos próximos meses. Pois, apesar de saber que não sabia tudo, sabia que o que importava é o que ela seria diante de tudo o que viveria ali.

Ao sair da sala, observava a todos enquanto corriam no pátio. Os corpos que carregavam aqueles olhos espelhados faziam todos os espelhos se tornarem estilhaços. Naqueles estilhaços que corriam com passos firmes pelo chão, ela via o reflexo do seu medo, medo este que por estar refletido em estilhaços lhe parecia pequeno. Até o momento em que todos os estilhaços se ajuntaram e novamente se tornaram espelhos.

Como espelhos enfileirados a sua frente, todos os olhos a olhavam fixamente. E ver a sua imagem refletida repetidas vezes naqueles olhares espelhados, fazia seu medo se parecer maior, tão maior que ela tremia. Olhar a profundidade daqueles olhos era como se olhar no espelho e ver dentro do espelho seus próprios olhos refletindo seu próprio corpo.

Naquele momento, o ato de refletir lhe jogou no ombro o peso de saber que não sabia tudo. Ao mesmo tempo, buscava na profundidade daqueles olhares o mistério que lhes faziam parecer abismos. Mas, ao tentar vislumbrar a escuridão que se escondia por trás do brilho sucinto de cada olhar, só encontrava a si mesma, refletida nos espelhos daqueles olhos. Que além de refletirem o seu próprio corpo, vislumbravam o medo que ela sentia.

Adentrou uma sala vazia. Por algum momento, procurava ocupar aquela sala, sem que o reflexo de seu corpo ocupasse o vazio abismal dos olhos espelhados que a seguia. Mas, percebeu que quanto mais fugia de seu próprio reflexo, mais espelhos lhe surgiam e maior seu medo lhe parecia. Todos os espelhos se assentaram diante dela. Não lhes diziam nada do que ela queria saber. Só lhes questionava chamando-a para o abismo que escondiam por trás dos olhos.

O difícil seria escolher em qual abismo saltar primeiro. Mas ao se colocar na amplitude da dúvida percebeu que naqueles olhares ela era onipresente. Ao observar que podia saltar todos os abismos ao mesmo tempo, seu reflexo em cada olhar lhe pareceu mais atraente. Pois só ali ela era onipresente e poderia adentrar a todos os abismos sem ter medo da escuridão.

Ainda tremendo, e ainda sem respostas sobre o que estava para além de seu reflexo naqueles olhos espelhados, ela deu o primeiro passo, deu de costas para o seu medo e sem para quedas saltou simultaneamente na profundidade abismal daqueles olhares. Sentiu pela primeira vez, que havia sido capaz de entrar num espelho sem quebra-lo, sem tornar em estilhaços a pessoa de si mesma. Sem deixar de ver a sua própria imagem, tendo a oportunidade de se conhecer por dentro. Se sentiu impressionada com a escuridão que contemplava.

O castanho, e o preto daquelas pupilas pareciam terra, terra que penetrava nos poros da pele de seu corpo, que pairava na profundidade daqueles olhares espelhados. Quando o medo lhe fez lembrar da morte, ela ouviu barulhos que pareciam tiros. Sentiu seu corpo submergir mais profundamente naquele abismo. Mas ao dar mais ouvidos ao seu próprio ouvido do que ao seu medo, se deu conta de que a terra que tocava os poros de sua pele, não concretizavam a sua morte. Os barulhos que lhes pareciam tiros eram as batidas dos corações que habitavam a profundidade abismal daqueles olhares.

Percebeu que a pele que cobria seu corpo de carne e osso era a pele de uma semente. Entendeu, que na profundidade daqueles olhares, na profundidade do abismo que se continha

naqueles olhares, a pessoa de si mesma coberta pela cor daquelas pupilas de terras brilhantes, e também de céu azul e águas marinhas, seria uma semente. Lembrou-se de que toda semente se doa. Toda semente se dá para se encontrar, se perde para se ganhar. Toda semente cresce e faz o seu caminho no chão que se lhe deu.

Toda semente cresce suprimida na escuridão. Mas, a semente que encontra terra em olhares alheios, encontra o espaço para olhar a si mesma. Ela encontrou terra brilhantes, pupilas cativantes fizeram ela se doar, ela é semente no olhar alheio, olhar esse que é mirante, que é espelho, que a faz vencer o medo e a permite se encontrar para então germinar, a partir da profundidade de um olhar. Para além de um olhar. O olhar do outro.

4.2 Ausências: o peso das lágrimas

Ao terminar seu tempo vago, ela voltou para sala. A turma estava organizada em grupos, que se reuniam cada um em prol de seus interesses. Como de costume, ela procurava fazer com que eles direcionassem a atenção para a sua aula, que estava prestes a iniciar. Mas algo no fundo da sala lhe chamou a atenção: uma menina que estava sentada na última carteira, com a cabeça baixa, escondida entre seus braços cruzados. Então ela se aproximou:

- Ei, você está bem? Está passando mal?
- Não é nada não, professora.
- Olhe para mim.

Quando a menina levantou a cabeça ela percebeu pesadas lágrimas escorrendo por seus olhos.

- Por que você está chorando?
- Estou com saudade da minha mãe. Ela foi para um estado e meu pai para outro. Eu moro com a minha vó; faz três meses que ela foi embora.
- Acredito que em breve você poderá rever a sua mãe. Pode ficar quietinha aí até se sentir melhor. Se precisar de mim, me fala.

A menina continuou de cabeça baixa por mais algum tempo, mas logo depois procurou se concentrar na aula que se seguiu depois desse pequeno diálogo. A aula terminou, e ela, a professora, foi para casa carregando em si o peso daquela lágrima que viu rolar dos olhos de sua aluna. Ela sempre se colocava a refletir sobre tudo que via e ouvia naquele lugar, lembrou-se que, na primeira vez que esteve naquela escola, os outros professores lhe apresentaram sua turma como quinto dos infernos e lhe disseram que, para ter uma turma disciplinada e produtiva, ela teria de entrar bem séria, sem dar muita confiança para ninguém, alguns até lhes descreveram situações em que quase partiram para a agressividade com alguns alunos.

Começou a refletir sobre inúmeras coisas... Seus olhos se direcionavam ao chão, de repente sem que ela pudesse controlar, eles tomaram por lentes uma lágrima, sua visão se tornou embaçada, e aquela gota de lágrima revestiu toda a sua pupila... Dentro daquela lágrima ela começou a enxergar inúmeras cenas, numa delas se viu ainda menina. Ela havia ido para escola e lá ocasionou-se nela uma dor de dente terrível e, por conta disso, sairia mais cedo para ir ao dentista. A professora se aproximou e começou a conversar sobre as inúmeras vezes em

que sentira dor de dente... Assim, ela se reportou para as muitas lembranças que tinha daquela professora.

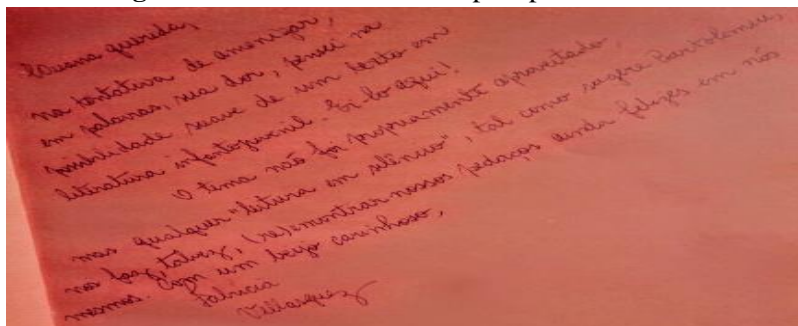
Logo, enxergou dentro daquela lágrima uma grande árvore que ficava nos fundos do pátio da escola onde estudava. A professora levava os alunos para lá e lá realizava inúmeras atividades. Uma das mais importantes era deixar as meninas pentear seus cabelos, e ela também penteava os cabelos das alunas, passando um pente fino para remover os piolhos. Além disso, pintava as unhas das meninas, fazendo desenhos de flores. Ao evocar essas lembranças, colocou-as em contraste com o que vivia naquele momento.

Observou que uma dor de dente dói menos que a dor da ausência e que o fato de um professor estar numa sala de aula não significa que ele está presente ali. Entendeu que presença é muito mais que ocupar determinado espaço com seu corpo. Presença é compreender todas as ausências que ocupam determinado espaço, buscando fazer com que o peso de suportá-las seja menos dolorido.

E, assim, ao ser tomada por essa reflexão, começou a se lembrar das tantas lágrimas que já viu rolar dos olhos de seus alunos e também dos olhos de seus responsáveis. Lágrimas por serem vistos como o peso de um problema, lágrimas por ouvirem que serão deixados por causa de seus erros, lágrimas pela ausência do pai que estava preso, lágrimas pelo peso da vida que pesa o tempo inteiro, lágrimas pela realidade que muitas vezes não podemos mudar, lágrimas por não estar apenas ao nosso alcance evitar a separação e a ausência, lágrimas por não serem aceitos como são e, por serem frágeis demais para lutar desde cedo para assim sê-lo.

Assim, as cenas dentro daquela lágrima mudaram, se lembrou da morte de seu irmão, e uma outra professora entrou em cena, lembrou-se do momento em que ela recebeu de presente o segundo livro da professora Fabrícia...

Figura 7- Dedicatória deixada pela professora Fabrícia⁷²



Fonte: arquivo pessoal 30/06/2014

⁷²Luana querida, na tentativa de amenizar, em palavras, sua dor, pensei na possibilidade suave de um texto em literatura infantojuvenil. Ei-lo-aqui! O tema não foi propriamente aproveitado, mas qualquer “leitura em silêncio”, tal como sugere Bartolomeu, nos faz talvez, (re)encontrar nossos pedaços ainda felizes em nós mesmos. Com um beijo carinhoso, Fabrícia Vellasquez.

Se lembrou, de que em inúmeras vezes tentara escrever sobre a dor de ter perdido seu irmão e a única vez que conseguiu escrever, doeu tanto que se desfizera do texto. Naquele momento, mais uma vez precisou estar em silêncio. E então, novamente, recorrera ao silêncio que há entre as palavras, recorrera ao livro “Para ler em silêncio”⁷³ e logo nas primeiras páginas se sentiu amparada:

Tomei ciência, por meio da leitura, que um dia o universo fora um caos. E veio a palavra – faça-se a luz – para o dia e a noite acontecerem. E assim foi com a terra, os mares e mais o firmamento inteiro. A palavra realizou o que anunciava e transformou a desordem em beleza e movimento.⁷⁴

E assim, enquanto o livro conversava com ela, percebeu que encontra na palavra, a unidade que lhe permite transformar o caos em beleza e movimento. Porém, não em qualquer palavra, mas na literatura, que muitas vezes permite ao homem um refúgio que “em lugar de excluir as experiências vividas pode o levar a descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e o permite melhor compreendê-las”,⁷⁵ pela literatura como professora viu a possibilidade de traçar caminhos entre as mais diversas experiências que vive na sala de aula, na escola, na vida.

Assim, passa a enxergar suas experiências por outras lentes, que transcendem cada lágrima que surgiu em seus olhos, e para além disso, se torna passível de enxergar a lágrima no olhar do outro. Lágrima esta que muitas vezes não é vista, mas ignorada como se não fosse resultado de um sofrimento muito maior. Entre muitas reflexões, continuou a ouvir com atenção o que o silêncio do livro tinha a lhe revelar:

No silêncio, leio, em mim, mais e melhor o que ainda estar por dizer. O universo é um grande livro aberto e sem texto. Mas como a penumbra, ele se mostra sem se revelar. Ele me anuncia sobre todas as coisas. Desde o antes até o depois. Fala do visível e do invisível, do doce e do amargo, da terra, água, fogo e ar. É um livro que consente tantas leituras quanto aqueles que vivem nele e tem olhos de escutar. Cada escuta acorda uma suspeita. Mesmo assim sendo, não esgotamos os sentidos que dormem nas palavras. O universo não envelhece; ele se rejuvenesce e sempre pela palavra.⁷⁶

Assim, ao virar a página, estava no universo da escola, viu que pela literatura apura seus olhos de escuta, olhos que veem e não ignoram, olhos que escutam e ao escutar despertam em si suspeitas que fazem da escola, não apenas o seu ambiente de trabalho, mais sim, o seu grande

⁷³ Da autoria de Bartolomeu Campos de Queirós

⁷⁴ QUEIRÓS (2007. p. 11)

⁷⁵ TODOROV (2009, p. 23)

⁷⁶ QUEIRÓS (2007. p. 12-13)

livro aberto e sem texto, que se mostra sem se revelar, mas que lhe anuncia todas as coisas. Que lhe permite inúmeras leituras, que só lhe são possíveis, pela palavra, pela literatura.

Entre o silêncio de cada palavra, ela pôde ver a escola passando em cenas nas quais lhe foi possível constatar – por meio de seu olhar de escuta – a realidade que lhe cerca. Realidade esta, que muitas vezes, é cruel, muitas vezes lhe faz chorar, mas pelas lentes apuradas do silêncio entre as palavras, ela percebeu que a “Literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organiza-lo.”⁷⁷

Observou, que pela literatura pode transpassar as lágrimas, abrindo um caminho que lhe direciona na contramão do comodismo, ou da neutralidade, e a leva a entender que “Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão [...] abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros [...]”⁷⁸ Entre o silêncio das palavras, entendeu que “Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra.”⁷⁹ Tornou-se consciente de que é preciso, “ser não apenas no mundo, mas com o mundo e com os outros. Um ser capaz de intervir no mundo e não só de a ele se adaptar.”⁸⁰ Entendeu, que não basta entrar e sair com a cara fechada, mas, é preciso ir além, para enxergar para além do olhar.

Ainda assim, tais reflexões não lhe bastaram, retornou a leitura como se tivesse encontrado a fonte que faz secar as lágrimas dos olhos, e o livro suscitadamente, sussurrou em seus ouvidos:

Legendar o universo, eu bem sei, é o primordial ofício humano. Não se resta calado diante de sua desmedida sedução. E sei mais: o olhar acaricia apenas a superfície das coisas. É preciso atravessar as cascas e buscar batizar o ainda intocável pelo olhar. Para tanto, há que se libertar a fantasia para que ela faça seu percurso até o “dentro” e derrame a luz da palavra. Só pela fantasia é possível aproximar-se da intimidade das “coisas” e nomeá-las. Depois do olhar só a fantasia contempla.⁸¹

Ao ler cada palavra, com seus olhos de escuta, ela começou a refletir sobre as legendas que encontrou naquela escola, esse grande universo que é um livro aberto, que tanto atraiu o seu olhar para uma leitura muito importante: a “‘leitura do mundo’ que precede sempre a ‘leitura da palavra’”.⁸² Ela poderia ter se apropriado da legenda que deram a sua turma, conhecida como “quinto dos infernos”, reproduzindo assim a leitura de mundo que seus colegas de trabalho fizeram daquele lugar. Mas, como toda leitura depende do olhar, das lentes que

⁷⁷ TODOROV (2009, p. 24)

⁷⁸ Idem

⁷⁹ FREIRE (1996, p.46)

⁸⁰ Idem

⁸¹ QUEIRÓS (2007, p. 13)

⁸² FREIRE (1996, p.49)

usamos para ler, ela decidiu não fazer a mesma leitura, pois já adentrou aquela escola com um olhar agraciado pela arte literária, através da qual descobriu diferentes formas de enxergar o mundo que habita.

Um olhar pobre e superficial pode legendar um grupo de alunos como componentes de um inferno, por não ser capaz de enxergar o universo da escola para além das cascas, por não ser capaz de enxergar o intocável pelo olhar. O intocável pelo olhar só é possível pela fantasia, pela arte, a que também é capaz de nos tocar a alma.

Ao chegar na escola, ela soube enxergar as pessoas não apenas pelo que mostravam de si, mas também soube decifrá-las nos rastros de seus movimentos, nos seus gestos, nas suas presenças e ausências, nas suas cores, gostos, desgostos, desejos, palavras... em todas as suas formas de ser no mundo, com o mundo.

Enxergou nas frases dos murais, um pingo de esperança que nascia no verde do quadro e morria na sequidão das palavras que pairavam no ar depois de se libertarem da boca de quem as prendia. Enxergou nos móveis estáticos o movimento das pessoas que os organizaram em cada canto, via naquele espaço, rastros da vida e da morte que passava por ali todos os dias.

Ainda entre muitas reflexões, continuou seduzida pelo livro que lhe dizia que:

A literatura é feita da fantasia concretizada pela palavra. Sem se contentar com o real, a fantasia adjetiva o mundo tendo como estrela-guia a busca da beleza. A literatura confirma que ‘o belo é bom’. Conversamos com a beleza desprovidos da solidão. Não se está só quando o mais definitivo dos diálogos acontece: o real e o ideal conversam sucessivamente no silêncio de nós.⁸³

E assim, traduziu nessas páginas que enquanto arte a literatura “permite ao homem compreender a realidade; não apenas o ajuda a suportá-la como lhe aumenta a sua determinação de a tornar mais humana e mais digna do gênero humano.”⁵⁸ Há muito ela havia aprendido que ser professora não era como brincar com suas bonecas de pano.

Observou, que em seus alunos havia brilho nos olhos e para além deles uma alma, cheia de experiências. Aprendeu que para eles “pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora”⁸⁴ capaz de fazê-los, reconhecerem-se como seres capazes de assumirem-se para transformar a realidade de seu mundo.

Depois disto, permaneceu sem concluir as reflexões que davam continuidade ao seu inacabamento, o livro achou a necessidade de deixá-la em silêncio, fechou suas páginas sem que ela o pudesse controlar com suas mãos. Ela, totalmente persuadida, não se dedicou ao

⁸³ QUEIRÓS (2007, p. 14)

⁵⁸ FISCHER (1963, p. 54)

⁸⁴ FREIRE (1996, p.24)

esforço de abri-lo novamente, se rendeu a descontinuidade de inúmeras reflexões que a deixara durante muito tempo imóvel entre o silêncio das palavras.

4.3 O olho de enfeitar: arte literária como experiência

O livro se fechou, e num piscar de olhos, novamente chegara a hora de abrir a porta da sala de aula para mais um dia de trabalho. Sua primeira experiência como professora regente lhe causava um frio na barriga todos os dias. Ela tinha um modo diferente de enxergar a escola. Observava tudo e todos e sentia ser observada pelos outros também. Mas, enquanto o olhar dela procurava fazer uma leitura de mundo daquele lugar, sentia que ao seu redor procuravam decifra-la em seu mundo. E parecia que quase todos a olhavam de cima do pedestal da experiência, e de baixo para cima ela não percebia ninguém a lhe estender a mão.

Mas, ela fez desta sua primeira experiência uma parte importante de sua vida, como se entrasse em um casulo para tornar-se borboleta. Isso é solitário mesmo, para se criar asas é preciso estar sozinha. Se ela tivesse que nomear essa parte de sua vida, a chamaria de “Primeiro Amor”. E já que “o primeiro amor, como é comum ouvir-se dizer é o mais belo que cedo ou tarde um coração pode sentir”,⁸⁵ então ela se sentia privilegiada. Mas, naquele lugar, percebia que “poucas são as pessoas beneficiadas por esse mérito, pois as primeiras emoções conduzem a maior parte delas a uma dura escola[...]”,⁸⁶ e de fato, foi assim que ela iniciou a docência: num contexto de “dura escola”.

E assim, pelas ações e discursos presentes naquele lugar, era possível distinguir a experiência que cada um teve neste período de “dura escola”, que inevitavelmente acontece nos primeiros anos da docência. Todos sabiam que ela estava vivendo seus primeiros dias como professora regente. E para além disso, sabiam que a docência nem sempre é doce. Por estes fatos, era comum que os outros professores sempre lhes falassem de suas experiências, na maioria das vezes negativas e carregadas de amargura. Mas, também havia uns poucos que lhes falavam dos primeiros anos da docência com orgulho e lhes desejava sorte e fé para seguir o caminho:

– Sua turma é difícil né? Eu já peguei turmas assim, no início é difícil mesmo. Mas, tenha fé que tudo vai dar certo! – lhe falou uma das professoras.

– Obrigada! – Ela respondeu.

Em seguida, um sinal alertou a todos que estava na hora de iniciar os trabalhos. Ela foi para quadra onde todas as turmas se reuniam para orar o Pai nosso. Geralmente, também era o

⁸⁵ GOETHE (2009, P.32)

⁸⁶ Idem

momento em que o diretor alertava os alunos sobre o comportamento esperado, em contrapartida, a bagunça já começava na fila. Porém, o que muitas das vezes a incomodava não era necessariamente a bagunça, mas sim os olhares e posturas de outros, que de cima do pedestal da experiência a enxergavam como pequena demais para enfrentar tudo isso. Apesar disso, ela não se importava tanto, para ela não importava como era vista de fora, mas sim o quanto ela crescia por dentro. E era dentro da sala de aula, enquanto estava só com seus alunos, que ela aprendia e ensinava a crescer.

Assim, ela seguiu para sala com seus alunos. Num primeiro momento, fez a experiência de pedir que eles circulassem o formato de suas mãos numa folha em branco. Em seguida, pediu que eles escrevessem sobre o contexto da escola, sobre seus apreços e desapreços. E ali ela percebeu o quanto a escola naquele momento estava sendo “dura” para aqueles alunos e conseqüentemente, para ela.

No entanto, logo depois iniciou outra dinâmica. Distribuiu folhas de uma revista velha para todos e em um semicírculo ela foi a primeira amassar aquele papel e unir ao papel que estava com o estudante do seu lado. E assim, todos uniram suas folhas em uma grande bola de papel, que circulou até retornar a mão dela. Por fim, ela explicou que assim como em parceria, com a contribuição de cada um, foi possível formar uma grande bola de papel, também seria possível através da união dos esforços de cada um, formar a melhor turma da escola.

Depois de uma série de reflexões, mais uma aula se iniciou. Ela se virou para o quadro para disponibilizar o conteúdo previsto para aquela aula, foi quando algo inesperado aconteceu:

– Vamos lá, hoje não vamos copiar muito! Sem preguiça em! Estejam atentos aos parágrafos...

Alguns minutos depois de se virar para o quadro, uma bola de papel veio em direção a ela. Logo, ela se virou e chamou a atenção deles para que não tivessem mais esse tipo de atitude. Porém, apesar de se manifestarem com um comportamento inesperado, o ato foi para ela bastante reflexivo.

Ao chegar em casa, como era comum, colocou-se a refletir sobre o dia na escola. A escola era para ela uma espécie de laboratório. O impacto do branco do papel com o branco do quadro era o que tanto lhe incomodava naquele dia. Dois personagens em sua vida. Dois olhares que se bateram de frente naquele momento e mais uma vez ela se viu a refletir.

Rapidamente, retornou a sua infância. A doce menina sempre esteve entre o branco do quadro e branco do papel, colorindo a vida nas entrelinhas com o seu jeito de ser no mundo. Seu olhar sempre foi inusitado, pouco esperado pra ser o olhar de uma pequena menina. Ao se retomar em sua própria história, se lembrou que nunca conseguiu criar uma sintonia entre o

branco do quadro e o branco do papel. Enquanto a ordem era copiar, ela desenhava ou escrevia poesia. O fato é que para ela o branco de um nunca esteve em sintonia com o outro.

Em contrapartida, todos os seus atos de reflexão sobre a escola, sempre estavam em sintonia com as obras Literárias. Pois, ela sabia que as palavras têm o poder de lança-la para fora de seus pensamentos, criando em seu universo privado censuras por onde outros pensamentos podem irromper.⁸⁷ A partir desta percepção, que teve quando ainda era menina – e que se fortaleceu como um refúgio de reflexão em sua formação – passou a embarcar nas palavras fazendo delas pontes a partir das quais podia se aproximar de seus alunos.

Naquela tarde, ela resolveu ler mais um livro de Bartolomeu Campos de Queirós: “o olho de vidro do meu avô.” A escolha foi pelo título. Já que ela queria refletir sobre impacto do branco do “olho do papel” com o branco do “olho do quadro”, por que não mediar a reflexão com o branco de um “olho de vidro” de um alguém mais experiente?

E assim, iniciou a leitura: “era de vidro seu olho esquerdo. De vidro azul-claro e parecia envernizado por uma eterna noite. Meu avô via a vida pela metade, eu cismava, sem fazer meias perguntas. Tudo para ele se resumia em um meio mundo. Mas via a vida por inteiro, eu sabia.”⁸⁸ Numa pausa, ela colocou-se a refletir sobre cada palavra que irrompia seus mais íntimos pensamentos e os colocava em ordem. O que seria ver a vida por inteiro a partir de um resumo de um meio mundo?

Começou a refletir num caminhar cuidadoso. Via seus pés a se diminuírem para caber nos sapatos de uma doce menininha. Em suas memórias da infância na escola, sempre se via tentando mediar a relação entre o olhar branco do quadro e o olhar branco do papel. Sempre se via tentando agradar os dois. Num período de tempo apenas desenhava, e fazia brilhar o olho branco do papel. Mas, o olho branco do quadro, sem respostas para o que lhe dizia, lhe fazia chorar, pois não se podia reescrever o que o quadro havia trago nos olhos depois lhe apagavam.

Com o tempo, ela foi aprendendo que podia dar atenção ao olhar branco do quadro, e abrilhantar o branco do papel desenhando nas margens da folha a arte que necessitava, para fazer aquele encontro de olhares ser mais vivo e mais bonito. Então, neste momento, começou a questionar se não estava acostumada de mais a deixar de certa forma às margens a arte que é tão necessária nos contextos da escola.

Dado o fato de que “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto,”⁸⁹ ela viu na leitura literária, um atalho para

⁸⁷ MERLEAU – PONTY (1989, p. XIII)

⁸⁸ QUEIRÓS (2004, p.5)

⁸⁹ FREIRE, (1982, p.9)

que gostosamente caminhasse para que a percepção dessas relações, fosse esteticamente abrilhantada pela arte literária, que retrata o real através da fantasia. E assim, buscando adentrar nesse meio mundo para enxergar a vida por inteiro, descobriu que:

[...] O pensamento vê o mundo melhor que os olhos, eu tentava justificar. O pensamento atravessa as cascas e alcança o miolo das coisas. Os olhos só acariciam as superfícies. Quem toca o bem dentro de nós é a imaginação. Meu avô imaginava sempre, eu acreditava. [...] O que seu olho de vidro não via ele fantasiava. E inventava bonito, pois eram da cor do mar seus olhos. E todo mar é belo por ser grande demais. Tudo cabe dentro de sua imensidão: viagens, sonhos, partidas, chegadas, mergulhos e afogamentos. Há que se contar o desassossego que as águas nos provocam.⁹⁰

Ainda sobre seus pés diminuídos, deixou-se conduzir pela doce menina e começou a perceber em suas pequenas mãos o caminhar do lápis no papel: Ora tentava encaminhar as curvas das letras sobre as retas das linhas, ora fazia surgir um outro mundo que nascia nas entrelinhas e se criava nas margens do papel. Folhas, flores e frutos. Sol, lua e estrelas. Noites e dias iam e vinham, enquanto as palavras reinavam entre as linhas. E assim, era a relação entre o olho do quadro e o olho do papel. Como se caminhassem lado a lado, um olho de carne e um de vidro. Um que retratava a realidade nua e crua e a colocava para caminhar em linhas retas. E outro que fantasiava um mundo belo em dimensões abstratas, mas que a partir dele, ela poderia elevar o real a um lugar sublime.

Assim, suas memórias refletidas no olho de vidro de um avô, lhe mostravam que “cava a arte um abismo para erguer acontecimentos e fenômenos a uma realidade mais alta nascida no espírito⁹¹”, visto que: “a essencialidade tanto se manifesta no mundo exterior como no interior, tais como no-los revela a experiência cotidiana;”⁹² – experiência essa que se manifesta no espaço e no tempo de nossa existência, colocando em diálogo o que somos com o que fomos, e a partir deste diálogo faz brotar em nós novos modos de ser-no-mundo.

E assim, “manifesta-se num caso de acasos e acidentes, aparece deformada pela imediateidade de elemento sensível pela arbitrariedade das situações, dos acontecimentos, dos caracteres etc.”⁹³ nos colocando numa dimensão somente alcançada pelas obras de artes, as quais “não são simples aparências e ilusões, mas possuem uma realidade mais alta e uma existência verídica”.⁹⁴ Tal realidade foi alcançada por ela, a partir daquela leitura, onde se viu diminuir para alcançar as alturas. E assim, ela estava persuadida pela inédita experiência de ter um avô presente. A cada palavra, se encantava pelo velhinho e seu olho de vidro:

⁹⁰ QUEIRÓS (2004, p.5)

⁹¹ HEGEL (1999, p.41)

⁹² Ibidem

⁹³ Ibidem

⁹⁴ Ibidem

Ninguém esgota o mundo com o olhar, mesmo possuindo dois olhos sem vidro. Mas a gente, com dois olhos, sempre olha e não acredita no que vê. Mas meu avô desejava que toda a cidade o visse com dois olhos, o que de fato era uma meia-verdade. Mas com o passar dos anos o povo esqueceria qual olho era o de ver e qual olho era o de enfeitar. Qual era o passado e qual o futuro. As pessoas confundem os lados com muita facilidade. Nunca esqueceriam que um olho era o de mentira, feito em São Paulo. Jamais decifrei porque São Paulo tinha uma fábrica de olhos cegos.⁹⁵

Atenta, se enxergava nas margens do papel. Entre as artes da doce menina, sobrevoava mares e abismos. Ora se sentia grande demais, outrora se sentia pequena. E nesta pequenez enxergava pelos olhos de enfeitar da doce menininha. Caminhava pelas florestas e apreciava cada flor, cada cor, cada espinho do caminho. Nada era simplesmente natural, nada era desanimador. Ela sabia que “nenhum destino, nenhuma recusa, nenhuma adversidade é simplesmente sem saída; em algum lugar, o mais denso matagal pode produzir folhas, uma flor, uma fruta.”⁹⁶E, dessa forma, a ponta do lápis nunca se cansava de povoar as margens do papel. Os olhos de enfeitar nunca se cansam, mas podem ser esquecidos.

Neste momento, já não sentia que seus olhos de enfeitar estivessem brilhando em sua docência, sentiu pesar em si a consciência de que “ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”⁹⁷Percebeu que em sinal do desapareço pela forma como as aulas aconteciam, seus alunos despertaram seu olhar ao rasgar as margens do papel e amassá-las juntos as linhas retas, que amassadas tornaram-se em curvas que construíram caminhos que vieram de encontro aos seus pensamentos a levou a refletir.

Ela enxergou naquele bater de frente entre o olho do papel e olho do quadro, que aquele ato não era simplesmente dado por um desejo infame de perturbar o andamento da aula. Mas, nascia do fato de que “poeticamente o homem habita esta terra.”⁹⁸E quando tentamos comprimir a arte entre linhas retas ela constrói caminhos em curvas que nos impactam e conversam sucessivamente no labirinto do silêncio de nós. Entre as bolas de papel havia um discurso rítmico de rimas e poesias que compunham Raps que não iam de encontro com o que ela como professora planejava para as aulas. Isso ficava as margens para a hora do recreio. Havia um desejo mais atraente de alegria que poderia emanar de inúmeras outras formas de dar aulas, formas que considerem a procura, a boniteza e a alegria.

Ainda impactada pela verdade de si que enxergava com os olhos de enfeitar da doce menininha, trazida pelas memórias do olho de vidro, constatou em si mesma que “o conteúdo da arte compreende todo o conteúdo da alma e do espírito, que o fim dela consiste em revelar à

⁹⁵ QUEIRÓS (2004, p.5)

⁹⁶ RILKE (2007, p. 65)

⁹⁷ FREIRE (1996, p.90)

⁹⁸ HÖLDERLIN apud in HEIDEGGER (2008, p. 170)

alma tudo o que alma contém de essencial”⁹⁹ e que não conseguimos enxergar sem um olho de enfeitar.

Percebeu que “oferece-nos a arte, num dos seus aspectos, a experiência de vida real, transportando-nos a situações que a nossa pessoal existência nos não proporciona nem proporcionará jamais, situações de pessoas que ela representa”¹⁰⁰ – visto que perfeitamente aquela leitura representou seus alunos e o que eles viviam. – Logo, nesta experiência “graças a nossa participação no que acontece a essas pessoas, ficamos mais aptos a sentir profundamente o que se passa em nós próprios”.¹⁰¹ Assim no embalo sereno daquela leitura, ela acalmava o terremoto que se fizera dentro de si pelo impacto do branco do papel com o branco do quadro:

Ele se recostava na cadeira de balanço e se embalava de mansinho como se o mundo morasse em seu colo. Balançava leve para não acordar o silêncio. [...] Muitas vezes esse silêncio se misturava com o cheiro do alho que minha vó refogava para o arroz; possuía o aroma do café coado na hora; tinha o gosto dos sonhos que a minha vó fritava e cobria com açúcar e canela. E se era por demais imenso o silêncio, exalava entre ele um perfume das dalias que enfeitavam o canto da sala. O silêncio é essência. Se o olho do meu avô via, era uma visão em silêncio.¹⁰²

E nesta visão, em silêncio, ela se embalava de mansinho, sentia o cheiro de papel em contraste com o cheiro de lápis, que ia de encontro com o cheiro dos livros. Ouvia as risadas gostosas de quem sabia pouco sobre o quanto a vida é má. E bem ao fundo, um ritmo embalava os passos de todos com rimas que cantavam a vida nas entrelinhas. Ao fundo, mas sem jamais deixarem de ser ouvidas. Às vezes silenciadas, anuladas e comprimidas nas paredes, no íntimo, mas sempre ouvidas.

E assim, esse silêncio fez a menininha crescer, crescer para alcançar uma outra mulher diferente da que ela era antes de se diminuir. Uma outra consciente de que essa “bola papel” a qual ela e seus alunos formavam, precisava completar-se com tudo que estava as margens, desapercibido. Seus olhos de enfeitar adormecidos precisavam ressuscitar a consciência de que “a alegria não chega apenas no encontro do achado mas faz parte do processo da busca.”¹⁰³ E a alegria estava comprimida nas entrelinhas, tentando caminhar reto.

A alegria não cabia nas cadeiras enfileiradas, não cabia nas vozes silenciadas, nas rimas renegadas, nos amigos separados, a alegria não cabia na professora amedrontada. Limitada pela falta de liberdade. E nesta constatação, esse silêncio buscou em cada canto as alegrias que

⁹⁹ HEGEL (1999, p.49)

¹⁰⁰ Ibidem

¹⁰¹ Ibidem

¹⁰² QUEIRÓS (2004, p.10)

¹⁰³ FREIRE (1996, p.90)

estavam as margens, nos cantos da sala, nos sorrisos contidos, na liberdade que escorria de suas mãos ao ser comprimida pelos dedos do medo. O silêncio buscava outras palavras:

Envolvido pelo silêncio meu avô dispensava os olhos. Abaixava as pálpebras e buscava outras lonjuras. O silêncio era seu bilhete para viagens. Esse sossego se prolongava por grandes horas. Eu buscava adivinhar as terras que meu avô desvendava, as mãos que ele apertava, os oceanos que ele atravessava, o coração em que se deitava. Mas, todo o meu esforço se tornava pequeno diante de tanto suspiro. Então meu carinho abraçava meu avô sem necessitar de mãos. Estávamos envolvidos de emudecimento.

¹⁰⁴

E neste emudecimento ela traçou novos planos, planos de aulas e de vida. As cadeiras enfileiradas tomaram outras configurações, que mais se combinavam com os círculos de amizades que surgiam e se renovavam tal como os ciclos da vida. As pálpebras do olho do quadro, nem sempre estavam abertas. O olho do papel as vezes reinava sozinho, até mesmo nas aulas de matemática ela encontrava cor para explicar fração a partir dos mosaicos que encontramos na arte e na vida. Os ângulos puderam ser compreendidos de outras maneiras em brincadeiras nas quais com seus próprios corpos representavam o ângulo da vez.

Nem tudo era levado tão a sério, ela se deu o direito de não conter o riso:

- Vamos parar com essa brincadeira isso não tá legal.

Um breve silêncio toma conta da sala quando ela ouve um buchicho:

- Olha lá a professora vai rir...

- (risos)

Depois daquela leitura ela teve um papo reto com a turma, desse papo nasceu um combinado que a própria turma construiu a partir do que incomodava. E é claro que as bolinhas de papel foram abolidas. Elas ganharam a função de abrigar as letras de Rap, faziam a trilha sonora da sala depois que terminávamos as atividades:

- Vamos lá vocês começam a rima e eu continuo! – Ela falava isso quando bateram na porta. O silêncio chegou na sala junto com o diretor.

- Oi professora, ei vocês aí atrás, porque estão nesse grupinho ai juntos? Estou ouvindo lá de fora vocês cantando.

- Eu autorizei diretor. Ela disse.

Aos poucos o que estava as margens do “papel” foi tomando espaço fazendo a procura ser motivo de alegria, não fugindo de ser bonita. O tempo foi passando, ela não pode dizer que a partir daquele dia tudo eram flores, mas ela pôde e pode dizer que aprendeu a lidar com os espinhos. O último dia de aula com aquela turma, foi de muita alegria, funk e comilança. Mas também foi de lágrimas, pois a saudade tão logo os envolveu ainda na despedida.

¹⁰⁴ QUEIRÓS (2004, p.11)

5 No silêncio de mim: a menina dos olhos do papel

Se alguém nos olha nos multiplica. Passamos a ser dois. Somos duas meninas dos olhos. [...] toda pessoa é gêmea de si mesma. Há sempre um outro escondido dentro de nós que nos vigia em silêncio.¹⁰⁵

- Boa tarde, professora! Você já iniciou com a sua turma o projeto da maleta viajante? – lhe perguntou outra professora.

- Já sim, eles amam levar os livros para casa. Já estão acostumados, eu leio muito com eles na sala. Eles adoram os livros, já sabem o que eles gostam de ler. Os comentários dos pais sobre as leituras são encantadores! Respondeu ela.

Este ano ela está com uma turma de Educação infantil vivendo uma nova experiência. Muito feliz ela aprecia cada momento, sobretudo momentos literários, em que ela e as crianças se deleitam com os livros, com os personagens das histórias e com os mais novos amigos da turma: O João e o Kadu. João é um coelho de pelúcia nomeado pela turma. Ele nasceu na primeira história que a professora contou para os pequenos, no primeiro dia de aula. Logo depois, veio o Kadu que também é um grande amigo da turma, e igualmente foi nomeado pelos pequenos alunos. Os dois auxiliam a professora em todos momentos. Com eles a história da vida real tem sido muito mais feliz, pois diariamente é abrilhantada pela fantasia.

- Meus amores, está na hora do lanche!

- Tia, posso levar o João lá pra fora para ele comer junto comigo?

- Não, meu bem! A comidinha do João é especial deixa ele aqui na sala... Depois eu te conto qual é o lanchinho dele.

- Tá bom, tia.

O lanchinho especial do João era feito de massinha de modelar. Nos momentos de brincadeira ela aproveitava para também ensinar. Quase todo conteúdo a ser passado para turma era pensado com o João e o Kadu.

- E aí professora? Como vai o mestrado? – perguntou a outra professora que se aproximou em seguida.

- Tá indo bem! Estou quase terminando!

- Que bom! Vai dar tudo certo!

- Obrigada! – ela respondeu.

O ambiente naquela escola de educação infantil era bem melhor para trabalhar. Quando ela chegou lá a outra professora que lecionava para uma turma com o mesmo seguimento que

¹⁰⁵ QUEIRÓS, (2004, p.6)

ela, se apresentou e se dispôs a trabalhar em parceria. Contou sua experiência inicial e disse que para ela foi tão difícil que ela quase adoeceu. As duas se tornaram amigas e passaram a trabalhar juntas! Ela aprende muito com aquela professora que se tornou uma grande amiga.

Ao chegar em casa, começou a se organizar para mais uma noite de estudos. Finalizar uma dissertação exigia dela muito esforço. Então, começou refletir sobre como o tempo passou rápido e sobre quanta coisa mudou dentro de si... Lembrou-se do seu primeiro encontro com o Grupo de Pesquisa. Coincidentemente, ou talvez por obra do destino, encontrou entre os livros um escrito sobre este momento, um diário esquecido que a fez retornar no tempo e assim emocionada ela refletiu sobre muitas coisas...

5.1. Querido silêncio: por que findar, se podemos recomeçar?

01 de março de 2018

Querido silêncio,

Em sua companhia caminhei pelos corredores do Instituto multidisciplinar. Hoje foi o primeiro encontro com o grupo de pesquisa do meu orientador, Professor Carlos Roberto de Carvalho. Tenho que registrar que me sinto muito privilegiada por fazer parte do programa de pós graduação em Educação, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, especialmente deste grupo de pesquisa, que mergulha de cabeça, corpo, alma e espírito na Literatura.

Sinto-me como um mar de palavras, e nem todas me parecem contemplar tudo que desejo registrar, mas cuidadosamente vou acalmar as ondas a fim de não me perder na maré. Quando entrei na sala hoje pela manhã fui surpreendida por uma pergunta vinda do professor Beto: "Quem é você?". Sem entrar em muitos detalhes sobre o precipício em que eu estava prestes a cair naquele momento, digo que aquela pergunta me assustou, mas logo entendi que aquele questionamento não se dava pelo fato dele não se lembrar de quem eu era, mas representava uma primeira orientação, é preciso saber quem eu sou e para onde estou indo, pois longe destas condições ninguém consegue chegar em lugar algum. E academicamente falando, viver assim é praticamente um suicídio. Seria cair no precipício das certezas incertas que naquele momento tentavam me conduzir.

Como foi o meu primeiro dia como mestrandia, senti em mim o peso daquela dimensão que naquele momento finalmente eu começaria a habitar. Por isso, eu estava mergulhada no desconhecido, cheia de diversos sentimentos, expectativas e impressões. Devo dizer que o nosso primeiro encontro foi um momento de mágico alívio. Pois, eu estava entre o precipício e o abismo, quando o professor Beto me direcionou ao melhor caminho. Pensava eu que não saber muito e estar perdida em meio ao novo era um grande problema, quase me lancei no precipício, pois, evidentemente eu iria buscar formular certezas em meio a insegurança que me conduzia naquele momento, mas calmamente o Professor Beto me apresentou o abismo!

O que é o abismo? Bom, entendi que o abismo é justamente a minha entrega, é a minha determinação em desenvolver essa pesquisa. É esse caminhar solitário, que me conduzirá durante esta trajetória. É esse me lançar em busca do que tanto almejo vislumbrar. É o deixar-me conduzir. Quando o professor Beto me perguntou quem eu era, não me deu oportunidade de responder. O intuito da pergunta era me fazer refletir. Pois bem, querido silêncio! Como refleti! Refleti muitíssimo! E acho que foi aí que comecei a cair no abismo! Me lembrei de que todas as vezes em que me fiz essa pergunta: Quem sou eu? Não conseguia uma resposta

concreta. E na tentativa de responder quem eu era naquele contexto, escrevi em uma carta direcionada ao professor Beto e ao grupo de pesquisa, afirmando que eu era uma professora que segue por caminhos literários.

Seguir caminhos literários na minha formação foi o que me trouxe até o PPGEduc. Através da literatura eu pude me definir em diversos aspectos, sobretudo, na minha perspectiva docente. E respondendo a sua pergunta professor Beto, posso dizer que sou uma professora que segue por caminhos literários. Isso significa dizer que eu entendo que a obra literária na minha perspectiva de vida é uma preciosidade que não se distancia da minha prática docente. Logo, buscando aprofundar esta reflexão me pergunto como uma professora que segue por caminhos literários pode mostrar esse caminho em uma pesquisa? Continuo a refletir...

Ao terminar de ler, ela já não estava mais diante dos livros no meio dos quais encontrou aquele diário... Ela se sentou bem ao lado do professor Beto naquele dia. O pouco tempo de convivência com ele, fazia com que ela o observasse muito. Mas, isso não tirava sua atenção das palavras que ele lhes dizia... Naquele encontro o grupo estava na companhia de Rilke. Todos refletiam sobre o que é escrever um texto no contexto da academia.

Ela ainda o escutava falar quando em seus pensamentos começava a se enxergar sozinha, no branco, entre quatro paredes e no canto um papel que lhe clamava como um olho cego que desejava ver. Esta é a aflição de buscar um caminho de pesquisa, de escrita, de arte, de vida dentro da academia. É a aflição de trazer um novo olhar para o mundo.

Ela refletiu que possivelmente é assim que pesquisadores iniciam uma pesquisa: no anseio de trazer um novo olhar para o mundo. Naquele momento, se sentia ansiosa para fazer de sua pesquisa um novo olhar no mundo. Um novo olhar no branco do papel, este branco que em consonância com a sua busca por respostas lhe clamava pedindo pupilas.

Naquele instante, ela fez desta consonância entre ela e o papel, um meio de fazer nascer naquele branco, um olhar que fosse gerado desde sua retina e que trouxesse para o papel uma nova visão que simultaneamente fosse sua. Naquela angústia o branco do papel apontava nela a aflição de uma mulher que se vestia de uma pesquisa que até então estava dissociada do sentido de sua existência. Ela procurava em torno de si um objeto para a partir dele construir as respostas das inquietações que brotavam no mais íntimo de si. Este apontamento nasceu de uma pergunta que passou a conduzir a busca da visão que lhe faltava. E foi exatamente com essa pergunta que ela começou a pupilar o olhar branco do papel:

Quem nunca se viu nu entre quatro paredes? Não digo nu diante de um corpo em chamas que logo ascende e inflama, que inflama e logo apaga. Digo nu diante do espelho. Quem nunca se viu nu, sozinho diante do espelho, entre quatro paredes? Quer seja jovem, quer seja velho,

esperto ou leigo. Quem nunca se viu nu entre quatro paredes? Quem nunca se viu nu diante do espelho? Quem nunca permitiu aos seus olhos refletir o reflexo do espelho? Espelho que reflete o corpo por inteiro, mas que para ele a alma é invisível, um devaneio.

Naquele momento, o papel foi para ela um espelho entronizado entre as quatro paredes que a cercava dentro da universidade. Diante daquele papel ela se via refletida, angustiada pelo branco de um olhar cego que lhe convidava a se desnudar. Assim, aos poucos se sentiu à vontade diante daquela cegueira, e enquanto se despia viu no branco do papel a luz que vencida a escuridão e pairava sobre o silêncio que há entre as palavras. Então continuou a se desnudar até os dois últimos parágrafos, nos quais ela terminava de circular e colorir a pupila dos olhos que naquele momento nascia no papel partindo dela:

[...] Não te perguntes quanto tempo vais levar para desnudar todo o mundo que existe em você. Comece a despir-se aos poucos e beije cada parte que descobrir, mas não beije com os lábios. Beije com teus dedos. E já que tua alma não tem uma forma física, beije com teus dedos o papel. Mas para beijar com os dedos, sentirá a necessidade de ter à mão uma caneta, um lápis... algo com que possa facilmente se deslizar sobre o papel. Marque o papel com as palavras que tiveres escritas na tua alma. E não duvides. Não existe almas sem textos, o que falta é contexto para que cada um olhe para dentro de si com sinceridade.

Ao terminar de circular a pupila, o silêncio entre as palavras fez com que ela pensasse nos contextos ausentes da academia. Os contextos que faltam aos pesquisadores. Chegou a concluir que lhes faltam con(textos) que os levem a olhar para dentro de si com sinceridade, para refletir sobre o que é ser-no-mundo. Não é isto que antes de tudo lhes permitem ser pesquisadores?

Neste pequeno diálogo com o papel, ela vivenciou a construção de uma escrita que lhe permitiu a experiência de materializar o que “a alma nos fala livremente de sua imortalidade¹⁰⁶”, ela sentiu junto ao frio que veio de encontro a sua pele, que “as ciências procuram o que permanece imutável em todas as mudanças”¹⁰⁷, em contrapartida se percebeu como um ser que como qualquer outro está em constante processo de transformação, e assim começava a enxergar um atalho na contramão.

Um atalho que lhe mostrava que “a formação do ser é uma formação livre”¹⁰⁸ e assim, nesta liberdade começou a se reinventar dando à pupila do olhar que nascia em si e vivia no

¹⁰⁶ BAKHTIN (2011 P. 395)

¹⁰⁷ MERLEAU-PONTY (1989, p.9)

¹⁰⁸ BAKHTIN (2011 P. 395)

papel, a cor que lhe faltava. Num tom de despedida para uma breve partida que precedia um retorno, concluiu a germinação daquela pupila com um brilho que refletia a sua completa nudez:

Depois que tiveres se deslizado sobre o papel com os beijos de tua alma, não tenhas vergonha! Deixe que outros olhos vejam a tua nudez, que os reflexos de tua alma em outros olhos sejam motivos de reflexão. Não limites a tua alma. Não tenhas medo dos olhos que irão espelhar sua infinitude! Provavelmente, vão achar tua alma tão linda que também vão querer se despir. E quem sabe, com os beijos de tua alma consigas despir outra alma parecida com a tua, ou que talvez se complete na tua completa incompletude.

Ao finalizar a escrita, olhou para o papel e enxergou brilho e cor. Para além do brilho, se enxergou refletida em cada palavra. Percebeu que “escrever é dividir, é remeter para o mais longe as inquietações. Escrever é se imprimir.”¹⁰⁹ Imprimir a alma nua no papel. Nesta percepção, se apropriou do apurado canto de muitas vozes que sobrevoam o branco do papel e de certa forma se fazem suas. Sem deixar rastros no vento, cortam o seu silêncio com asas e penas, abrindo-lhe caminhos de pensamentos que só se permeiam na linguagem.

Entre essas asas e penas ela afinou seus ouvidos para observar o mistério do silêncio que há entre as palavras. Quando olhou para o espaço vazio que há entre as palavras não viu nada. Mas, por meio deste nada as palavras abriram-lhe caminhos de pensamentos e como pássaros a transportou com suas asas lhe surpreendendo por aguentarem o seu peso em suas leves penas.

Naquela reflexão ela não comparou somente as palavras aos pássaros. Pois, como todo pássaro, nós também não deixamos o nosso ninho se não enxergarmos um caminho no vento do invisível. Porém, só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.¹¹⁰ Nesta perspectiva, ela enxergou a linguagem como esse coração que tem em si “um modo original de visar a certos objetos, como corpo do pensamento, ou mesmo como operação sem a qual os pensamentos permaneceriam fenômenos privados,”¹¹¹ neste sentido, a palavra foi para ela como átrio e ventrículo da linguagem. Por meio do espaço oco que há entre as palavras, a linguagem se realizou tendo ela como seu próprio sangue. E assim acontece com todos nós.

Por meio da linguagem somos capazes de circular no corpo de nossa existência, desta forma, nossos pensamentos “adquirem valor intersubjetivo e, finalmente, existência ideal.”¹¹² A linguagem é um coração que vem de encontro ao nosso, assim junto a ela tornamo-nos um

¹⁰⁹ QUEIRÓS (2007, p.22)

¹¹⁰ EXUPÉRY (2015 p.70)

¹¹¹ MERLEAU-PONTY (1989, p.78)

¹¹² Idem

só coração, “conversamos com a beleza desprovidos da solidão. Não se está só quando o mais definitivo dos diálogos acontece: o real e o ideal conversam sucessivamente no silêncio de nós.”¹¹³ A linguagem nos faz enxergar o trajeto do vento no invisível, abrindo-nos caminhos para a percepção e construção do conhecimento.

Nesta experiência de escrita, ela percebeu que “antes tinha querido ser os outros para conhecer o que ela não era. Entendeu então que ela já tinha sido os outros e era fácil. Sua experiência maior seria ser o outro dos outros e o outro dos outros era ela”.¹¹⁴ Nesta perspectiva, ela entendeu que “a vida, como a experiência, é relação: com o mundo, com a linguagem, [...] com os outros, com nós mesmos, com o que se diz e o que se pensa, [...] com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser.”¹¹⁵ E assim a partir da linguagem começou a dar vida a si mesma – como pesquisadora – e ao seu texto - como campo de encontro entre ela e seus tantos outros através da doce menina que nasceu nos olhos do texto.

Ela entendeu que ser viva no contexto de um texto – sobretudo no âmbito de uma pesquisa em ciências humanas, que tem um público-alvo específico – é a experiência maior de ser o outro dos outros e ser o outro dos outros é encontrar a nós mesmos –isto é, o nosso EU – dentro dessa relação que se dá com o mundo, com a linguagem, e com o outro. Pois, “na realidade, nunca estamos sós. [...] porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem”¹¹⁶ e que nos ajudam a enxergar melhor o mundo e a nós mesmo.

Pois, nos levam a “melhor recordar, nos voltamos para elas, adotamos momentaneamente seu ponto de vista [...] e encontramos em nós muito das ideias e modos de pensar a que não teríamos chegado sozinhos.”¹¹⁷ Desta forma, ela percebeu que sua escrita ganhou vida no papel a medida em que ela permitiu que no silêncio que há entre as palavras, brotasse vozes que há muito tempo, pairavam sobre o silêncio de si aguardando serem acordadas pela arte literária. Desta forma, a vivacidade de seu texto está em suas memórias, as quais, sendo acordadas por outros seres reais e imaginários, trouxeram vida as palavras, materializando na sua escrita um encontro entre ela e os outros, entre ela e o mundo, entre ela e a arte, entre ela e o conhecimento, entre ela e a vida.

Vida que nasce nos olhos de uma menina e segue em sua trajetória que começa trocando olhares com suas bonecas de pano e segue na transcendência entre olhares de sujeitos humanos nos quais ela se multiplicou e adentrou abismos de almas. Conta a história de uma formação

¹¹³ QUEIRÓS (2012 p.14)

¹¹⁴ LISPECTOR, (1999, p.23)

¹¹⁵ LARROSA, (2014, p.74)

¹¹⁶ HALBWACHS (1990. p. 17)

¹¹⁷ Idem

abrilhantada por encontros e reencontros com a literatura, começando por um horizonte encarnado no outro, nos cabelos grisalhos, na pele enrugada e nos olhos azuis.

Vida que renasce em encontros e reencontros que se perfazem a partir do encontro dela com os livros. Vida que nos embarca nos mundos do pequeno príncipe levando-nos a viver a experiência de saber que é preciso suportar duas ou três larvas se quisermos conhecer as borboletas. Enlaça-nos com fio da palavra nos fazendo descobrir que o silêncio entre as palavras tem o tamanho do nosso eu e pode se auto ajustar ao nos revelar que dentro dos livros podemos ter o tamanho que quisermos.

Vida que jorra junto a uma pesada lágrima passando por mundos diversos que se desvelam no brilho do olho de vidro de um velho avô, que em sua experiência de uma longa vida nos leva a entender que a arte cava um abismo para erguer os acontecimentos e fenômenos a uma realidade sublime nascida no espírito. Neste con(texto), ela compreendeu a relação pesquisador/interlocutor, a partir da experiência maior de ser-no-mundo, experiência esta, que está acima das ciências.

Pois, esta experiência se realiza com os outros na realidade viva de ser o outro dos outros. Trata-se de uma de experiência maior, uma vez que “tudo aquilo que sabemos do mundo, mesmo por ciência, sabemos a partir de uma visão nossa ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada.”¹¹⁸ Logo em sua escrita ela não poderia desconsiderar essa experiência.

Ao desconsiderar tal experiência, ela estaria sendo hipócrita uma vez que “todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido,”¹¹⁹ ou seja sobre o que é vivo, sobre o que nos sensibiliza, sobre o que nos faz sentir o sangue correndo em nossas veias, sobre o que a vida narra nas entrelinhas e isso também deve ser contado. Nesta perspectiva, “se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda”,¹²⁰ desta forma, a escrita dos textos acadêmicos alcança um ponto de partida ideal quando nos a refletir sobre esse despertar.

Ora, “as influências extratextuais têm uma importância especial [...] Essas influências se envolvem na palavra (ou noutros signos), e tal palavra é a dos outros”¹²¹ logo, ao construir um texto que se esclarece pela realidade extratextual, e se perfaz em caminhos literários, ela passa a se

¹¹⁸ MERLEAU-PONTY (1999 p.7)

¹¹⁹ Idem

¹²⁰ Idem

¹²¹ BAKHTIN (2011, p.406)

apropriar da palavra a partir de um ponto de luz, pois, “a palavra já tem, então, um caráter criativo. Papel do encontro, da visão, da ‘iluminação’, da ‘revelação’, etc.”¹²² fazendo do texto a oportunidade de enxergar caminhos para além do que ela quis dizer, trazendo para o campo de sua escrita a liberdade de pensamento que se perfaz no diálogo.

Entretanto, naquele momento confinada entre as quatro paredes da academia ela observou que “nas ciências humanas, a exatidão consiste em superar a alteridade do que é alheio sem o transformar em algo que é pessoal,”¹²³ assim no estruturalismo típico do texto acadêmico, “existe apenas um único sujeito: o próprio pesquisador.”¹²⁴ Nesta perspectiva, a escrita acadêmica se caracteriza num lugar onde “as coisas se transformam em conceitos (com um grau variável de abstração);” E assim enquanto autor de seu texto o pesquisador procura dar vida as palavras a partir da ausência do outro fugindo de incluir a presença de si mesmo.

Entretanto, ela percebeu que “o texto só vive em contato com outro texto (contexto). Somente em seu ponto de contato é que surge a luz que aclara para trás e para frente, fazendo com que o texto participe de um diálogo.”¹²⁵ Do contrário, na busca por clareza em conceitos abstratos a partir de um olhar superficial; Na exclusão do diálogo, “o sentido profundo (infinito) desaparecerá (teremos batido no fundo, ficaremos em ponto morto).”¹²⁶ E assim, a escritura do texto em vez de dar asas ao pensamento, bloqueará sua liberdade, logo, o pesquisador em vez de vivenciar a experiência do voo livre, “como o peixe dentro do aquário, tocará o fundo e as paredes, [do texto] e não poderá ir mais longe nem mais fundo” por conta do excesso de luz e ausência de vida entre as palavras.

Nesta perspectiva, ao caminhar na contramão desta realidade ela observou que “a luz da verdade priva o mundo da narratividade; o sol aniquila a aparência [...] condena todo e qualquer enfoque voltado a transformação em favor da identidade rígida.”¹²⁷ Assim, o texto acadêmico, possivelmente se caracteriza distante do pesquisador, quando caminha longe da natureza da narratividade, “ela tem sempre em si, as vezes de forma latente uma dimensão utilitária[...].”¹²⁸ tal utilidade no contexto do texto acadêmico se caracterizaria “não por responder a uma pergunta, mas por fazer uma sugestão sobre a continuação da história que está sendo narrada.”¹²⁹ História essa que dará lugar ao leitor nas entrelinhas, à sombra da palavra iluminada pela linguagem.

¹²² Idem (p. 407)

¹²³ BAKHTIN (2011, p.413)

¹²⁴ Idem (p.414)

¹²⁵ Idem p. 405

¹²⁶ Idem

¹²⁷ HAN (2017, P.90)

¹²⁸ BENJAMIN (1885, P.200)

¹²⁹ Idem

Assim, a partir desta reflexão, ela se conduziu para a ideia de que no contexto da tradicional escrita acadêmica “falta a luz na qual inabita uma tensão metafísica,”¹³⁰ a escrita acadêmica neste sentido, “não é iluminada por aquela luz que promana de uma fonte transcendente, [...] não surge de uma fonte de luz iluminadora,”¹³¹ mas surge tendo como horizonte a verdade a qual a ciência busca, que leva o pesquisador a querer olhar diretamente para sol e fazer do sol o olho de seu texto.

Assim, caminhando a sombra da linguagem, entre tantas reflexões, lentamente ela retorna aos livros, guarda o escrito do diário entre as páginas de um deles, e ao levá-lo para a estante, observa uma fotografia que há muito tempo não se via iluminada por seu olhar...

Figura 8 – Registro da Formatura do Curso de Pedagogia



Fonte: arquivo pessoal, 20/06/2017

¹³⁰ HAN (2017, P.92)

¹³¹ HAN (2017, P.92)

Assim, contemplativa começou a observar a fotografia que estava enquadrada numa moldura. Ela estava sentada olhando para aquele papel que tinha impresso em si uma mulher. Essa mulher era ela mesma. E ela sabia. Apesar de ter crescido, aquela mulher no papel parecia ainda pequena, por trazer no olhar o brilho da infância.

Grande, sem deixar de ser pequena. Emoldurada, porém livre. Ela que observava de fora, a mulher que estava dentro daquela moldura, se enxergava a romper aquele enquadramento, e assim a mulher ganhava vida no papel, livrando-se da imobilidade que lhe prendia.

Essa visão lhe acalmava, e quanto mais ela fitava os olhos naquela mulher, mais livre ela se sentia. E assim no papel aos poucos a escrita surgia. O olhar sereno daquela mulher lhe mostrava o caminho, trazia nos olhos a doce menininha que lhe conduzia com seus pés pequenos a dar grandes passos. A grande mulher estava atenta a tudo o que a doce menina dos olhos lhe dizia. No mais profundo daquele olhar, a menininha já não mais lhe perguntava sobre crescer. Mas entre o silêncio das palavras apenas lhe dizia:

– Penetra surdamente no reino das palavras. Penetra surdamente no reino das Palavras!¹³²

¹³² Trecho baseado no texto de Carlos Drummond de Andrade: A procura da poesia.

REFERÊNCIAS:

- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011
- BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova fronteira: 1984.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BÍBLIA, A.T. Salmos 139.16. In **BÍBLIA**. Português. Bíblia Reina Valera: antigo e novo testamentos. Traduzida pela comissão de tradução da sociedade bíblica intercontinental do Brasil, SBIB editora: Rio de Janeiro, 2010.
- BÍBLIA, A.T. João 15.5. In **BÍBLIA**. Português. Bíblia Reina Valera: antigo e novo testamentos. Traduzida pela comissão de tradução da sociedade bíblica intercontinental do Brasil, SBIB editora: Rio de Janeiro, 2010.
- BÍBLIA, A.T. Proverbios 13. In **BÍBLIA**. Português. Bíblia Reina Valera: antigo e novo testamentos. Traduzida pela comissão de tradução da sociedade bíblica intercontinental do Brasil, SBIB editora: Rio de Janeiro, 2010.
- BUBER, Martin. **EU e TU**. 8 ed, São Paulo: Editora Moraes. 1974.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed., - 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- DIAS, Gonçalves. **Primeiros cantos: poesias**. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1846
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia saberes necessários a prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da arte”. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, nº 79, Agosto/2002.
- FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Lisboa: ulisseia, 1963.
- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. SÃO PAULO EM PERSPECTIVA. São Paulo, v. 14, n. 2, p.3-11, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2 ed. São Paulo: vértice, 1990.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 10 ed. Petrópolis, Rj: vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. 10 ed. Petrópolis, Rj: vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2008.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo gh**. Rio de Janeiro, Rj: Rocco, 2009.

LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Textos selecionados**. Os pensadores. Seleção de Marilena de Souza Chauí, Pedro de Souza Moraes. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

_____. **Fenomenologia da percepção** / Maurice Merleau-Ponty; [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. - 2- ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **O fio da palavra**. Rio de Janeiro: Galera Record, 2012.

_____. **Para ler em silêncio**. São Paulo: moderna, 2007.

_____. **O olho de vidro do meu avô**. São Paulo: moderna, 2004.

QUINTANA, Mario. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: editora do autor, 1966.

RILKE, Rainer Maria. **Rodin**. Tradução: Daniela Caldas. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

_____. **Cartas a um jovem poeta**. Tradução: Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2011.

_____. **Cartas do Poeta sobre a vida**. Tradução: Milton Camargo Mota. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SAINT-EXUPERY, Antonie de. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro, Editora escala, 2015.

SANTOS, Agada Hilda Steffen dos. **O desafio de ser um professor-leitor**. A notícia, Florianópolis, p. 4, 05 fev. 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 11 ed. Petrópolis, Rj: vozes, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro, RJ: DIFEL, 2009.

ANEXO:

Resumos das pesquisas analisadas:

O PAPEL DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL 2010

RESUMO

Esta pesquisa apresenta e tem como foco de interesse a importância que a literatura infantil exerce na formação de leitor de professores das séries iniciais. Possui como objetivo principal analisar se a literatura infantil foi importante na formação dos professores e se estes a utilizam em sua prática educacional. Atualmente, as crianças formam sua leitura de mundo muito cedo, dependendo das condições que lhe são oferecidas. Cabe enfatizar o prazer que elas podem descobrir no mundo da leitura, se esta lhe for apresentada de maneira interessante e instigante. A literatura infantil, pode introduzir a criança no mundo da fantasia. Através da imaginação, ela pode construir significados válidos para a vida, e se a literatura infantil esteve presente na formação de leitor de um professor, cabe a este transmitir seu conhecimento a seus alunos. A presente pesquisa possui características descritivas, com abordagem qualitativa, pois se tratou de coletar dados referentes à existência da relação sujeito e realidade, buscando conhecer conceitos através do referencial teórico. Com leituras constantes, permeando atividades de campo, a elaboração do material escrito, análises e interpretações dos dados coletados. Teve como suporte teórico alguns autores como Abramovich, Azevedo, Cunha, Lajolo, Yunes, e Zilberman. Fundamentada nesses autores e em outros, a pesquisa confrontou dados de uma entrevista embasada em quinze perguntas, algumas abertas e outras fechadas com nove professoras, sendo divididas entre: três da rede pública municipal, três da rede pública estadual e três da rede particular. Observou-se que a literatura infantil realmente tem seu lugar assegurado na formação de leitor dos professores e que estes contribuem para a formação de novos leitores, proporcionando leituras literárias.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Leitura. Formação de leitores. Professor.

AS LEITURAS LITERÁRIAS NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PROFESSOR-LEITOR 2011

RESUMO

Esta pesquisa buscou investigar a constituição do sujeito professor-leitor por meio da relação mediadora das leituras literárias presentes em seus processos educativos formais e informais. Para cumprir esse objetivo, elegeu-se como aporte teórico central a Psicologia HistóricoCultural representada por Vigotski e seus seguidores, estabelecendo-se também uma interlocução com os autores que abordam a Literatura como uma construção histórico cultural. Optou-se por uma pesquisa de natureza qualitativa para a qual foram escolhidos como sujeitos seis professores do Ensino Fundamental que atuam ou tenham atuado em escolas públicas e/ou particulares de Campo Grande/MS, desde que não tivessem seus processos de formação ligados à área de Língua Portuguesa e/ou Literatura. Para a recolha de dados, foi realizada entrevista a fim de que se obtivessem os relatos de suas experiências de leitura, os quais foram distribuídos em planilhas para posterior análise. Os resultados revelaram que suas histórias de leitura particulares encontram-se imbricadas entre o saber da experiência, o conhecimento e a vida e, nesse sentido, explicita-se que há um vínculo entre a transformação do acontecimento em experiência com o sentido e o contexto vivido por eles. Dessa forma, a constituição do sujeito

se dá mediante suas vivências históricas, sociais e culturais em que as práticas de leituras literárias são encaradas como elemento mediador de sua constituição como sujeitos professores leitores, por proporcionarem a satisfação de suas necessidades e a superação de suas realidades objetivas e, conseqüentemente, de colocá-los em uma posição de destaque.

Palavras-chave: Constituição do sujeito; Leituras Literárias; Psicologia-Histórico-Cultural.

DA LEITURA, À LITERATURA AO LETRAMENTO LITERÁRIO: A PRÁTICA DOCENTE EM FOCO 2011

Resumo

Esta pesquisa está vinculada à linha de pesquisa “Infância e Educação” e discute o trabalho de uma professora do quinto ano do Ensino fundamental com texto literário em sala de aula. Para alcançar os objetivos propostos fizemos a priori um estudo bibliográfico que serviu como embasamento teórico e permitiu maior conhecimento do objeto proposto. Para a pesquisa de campo fizemos um estudo de caso do tipo etnográfico utilizando como instrumentos de coleta de dados: entrevista estruturada com a professora, observação em sala e filmagens das aulas de leitura com narrativa literária. Dos dados coletados compomos dois capítulos de análise desse material, um com ênfase na prática da professora e outro com as ações de letramento literário presentes em sala de aula. Os dados obtidos nos permitem enxergar, quão complexo é nosso objeto de estudo. Assim, dentro dos limites desta pesquisa podemos afirmar que as práticas criadas pela docente como a sacola da leitura, a caixa mágica de leitura, oficina de arte e poesia, fazem emergir uma prática leitora para além das atividades meramente escolares, como técnicas, regras e enrijecimento do aprendizado do aluno. A sacola da leitura é um recurso que favorece não só o letramento e a experiência literária das crianças, mas de toda a família, pois todos participam deste momento em casa. A caixa mágica dá vivacidade ao ato de ler. Ao se caracterizar antes da leitura do texto a professora cria um ambiente e gera expectativa nos alunos. A leitura se insere em um contexto preparado, personificado, em momento destinado a ela. A oficina de arte e poesia promovida pela docente mostra seu desejo de levar os alunos ao contato, ainda que limitado, às várias formas de textos e alguns artistas. Já que uma das primeiras atividades promovidas foi a análise dos textos de imagens, e a releitura de duas telas de Tarsila do Amaral – Abaporu e A negra. Assim, diante das análises feitas podemos afirmar que o trabalho da professora com textos literários está nas vias de promoção do letramento literário.

Palavras-Chave: Leitura, literatura, letramento literário, prática docente.

LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO DO PROFESSOR: O ENSINO DE LITERATURA NO MEIO UNIVERSITÁRIO 2011

Resumo

Este artigo tem o intuito de analisar as ementas das disciplinas voltadas para literatura, do curso de Letras/Português do Campus Avançado “Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia” a fim de compreender o ensino de literatura na graduação. Parte-se do pressuposto de que é o professor de língua e literatura o mediador entre leitor e texto no trabalho com o letramento literário. Tem-se como constatação que as disciplinas obrigatórias para a formação do discente que será licenciado em letras, não trabalham com letramento, mas, em sua maioria, com periodização literária, o que pode refletir na prática docente dos alunos quando estiverem atuando como professores de língua e literatura.

Palavras-chave: letramento literário; ensino de literatura, formação do professor.

LEITURA LITERÁRIA NA SALA DE AULA: CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DAS SÉRIES INICIAIS 2011

RESUMO

Este trabalho objetiva conhecer as representações e práticas de leitura literária de professores de séries iniciais em uma escola pública da cidade de Sumaré (SP), para com base nelas analisar as estratégias adotadas pelo grupo pesquisado quanto ao uso da leitura literária dentro da sala de aula. Além da pesquisa bibliográfica referente ao tema, foi utilizado, para a coleta de dados, um questionário, além de entrevistas – em forma de conversa, destacando-se os seguintes tópicos: concepção de leitor; concepção de leitura literária; escolha do material literário e práticas pedagógicas. Foi possível perceber que as professoras pesquisadas não expressam de forma clara uma distinção entre leitura de modo geral e a leitura literária. Respostas vagas, contraditórias, podem ser reveladoras de um não conhecimento sobre a especificidade da linguagem literária ao longo da formação dessas professoras. Percebe-se, de forma implícita, uma concepção de leitura com uma finalidade que se apresenta externa a si mesma. A leitura literária é percebida como aquela que presumivelmente desenvolve habilidades cognitivas no indivíduo, aperfeiçoando-o, quando exercida. Grande parte das vezes, ela aparece como forma de prazer passageiro e entretenimento, em práticas puramente receptivas.

O ensino da recepção estético-literária e a formação humana 2012

Resumo: Neste artigo defende-se a possibilidade e a necessidade do ensino escolar da recepção estético-literária de obras produzidas nos campos das artes e da literatura. Inicialmente são analisadas, com base em Georg Lukács e Lev Vigotski, algumas relações entre a arte e o processo de desenvolvimento do gênero humano e de cada indivíduo. Na sequência, polemizando com a já antiga contraposição entre ensinar e educar, é explorada a discussão feita por Antonio Gramsci sobre o ensino gramatical de latim e grego na escola tradicional. No artigo conclui-se seu percurso analisando a formação deliberada e sistemática da recepção estético literária na educação escolar a partir de estudos realizados por Aleksei N. Leontiev sobre o processo de apropriação da cultura pelo indivíduo.

Palavras-chave: Antonio Gramsci. Arte e educação. Georg Lukács. Lev Vigotski.

A CRISE DA LEITURA NA FORMAÇÃO DOCENTE: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS LEITORAS DOS FUTUROS PROFESSORES 2012

Resumo: Este trabalho discute a crise da leitura mediante a participação dos pesquisadores, bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), de agosto de 2010 a novembro de 2011, provenientes do Curso de Pedagogia de uma universidade de Curitiba, em uma instituição pública de ensino, na formação de professores alfabetizadores. A pesquisa que tem como tema a crise da leitura na formação de docentes foi procedente dos relatórios dos bolsistas, das reuniões de estudos com os supervisores locais e bolsistas, das observações e das produções acadêmicas dos bolsistas, tendo como premissa a ação-reflexão ação e por fim, a aplicação de um questionário, os quais constituem o “corpus” para a análise dos resultados até aqui possíveis de compreender. A formação de professores foi baseada em Freire (1987, 2003) e Pimenta (1990); a leitura e suas concepções basearam-se em Zilberman (1991), Lajolo (2010), Andrade (2007), Maia (2007) e Silva (1985). Foi possível ratificar as primeiras impressões alcançadas, motivando assim para um estudo mais aprofundado, a fim de reconhecer as causas da pouca prática leitora entre os jovens pesquisados.

Palavra- chaves: Leitura, formação docente, aprendizagem.

LITERATURA E ENSINO: PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS 2014

RESUMO

Este artigo discute algumas perspectivas metodológicas do ensino de literatura, observando posicionamentos do professor, as causas e consequências da, ainda precária, relação entre o aluno-leitor e o texto. Desta forma, observamos aspectos da formação, o ambiente de trabalho e posicionamento do professor frente ao texto literário. Buscamos ver também como esse texto chega até o público aprendiz e as perspectivas sincrônicas e diacrônicas para o ensino da literatura. Tais aspectos foram respaldados por estudiosos como Philippe Perrenoud, Perrone Moisés, Letícia Malard, Antonio Candido, Umberto Eco, entre outros. Ao final da pesquisa é possível afirmar que o desafio do professor é contínuo e que ele tem, por um lado, a literatura e sua importância para a formação cidadã; e por outro, a desimportância dada a essa literatura pelo público ao qual ela deve ser dirigida. Esta situação é agravada tanto pelo sistema e pelas atitudes de alguns professores, quanto pela própria sociedade corrompida pelo controle midiático.

Palavras-chave: Literatura. Ensino. Texto. Leitor.

A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: DESAFIO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES 2014

RESUMO: O artigo analisa concepções de leitura e de literatura que circulam na escola, na academia e nos Parâmetros Curriculares Nacionais com o objetivo de situar a leitura literária como objeto histórico e prática social que deve ser ensinado desde a escola de educação infantil ao ensino superior. Apontando o processo de escolarização da leitura, o estudo evidencia a necessidade de a escola brasileira enfrentar o desafio de formar professores que sejam bons leitores para aproximar os alunos da leitura literária.

Palavras-chave: Leitura Literária. Formação de Leitores. Formação de professores.

LITERATURA EM SALA DE AULA: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PRÁTICA DOCENTE 2015

RESUMO: No curso de Letras-Português (UFCG) temos como obrigatoriedade o cumprimento das disciplinas referentes aos estágios de língua e literatura nas turmas de ensino fundamental e médio que colocam o futuro professor em contato com o espaço escolar durante a sua formação. Dessa forma, neste trabalho temos como objetivo refletir sobre a elaboração e aplicação de uma sequência didática produzida durante a disciplina Estágio de Literatura: Ensino Fundamental para uma turma do 8º ano de uma escola pública da cidade de Campina Grande-PB. No intuito de desenvolver atividades atrativas e voltadas essencialmente à literatura durante o trabalho com essa sequência, e de forma a proporcionar aos alunos uma experiência diversificada com o texto literário, voltamo-nos à leitura integral da novela A terra dos meninos pelados, escrita por Graciliano Ramos. Para isso, na elaboração dessa sequência e do presente trabalho nos fundamentamos em estudos sobre literatura e ensino que tratam do trabalho com o texto literário em sala de aula. A análise nos permitiu verificar que o planejamento e a reflexão sobre a prática docente devem ser constantes durante e após a elaboração e aplicação da sequência didática.

Palavras-chave: Texto literário; Sequência Didática; Ensino.

O ENSINO DE LITERATURA E A PRÁTICA DOCENTE 2015

RESUMO: Este artigo apresenta resultados de pesquisas sobre ensino de literatura infantil realizadas em Programas de Pós-graduação strictu sensu, na área de conhecimento Educação, no biênio 2011-2012, conforme listagem do banco de teses da Capes. Esses resultados apontam aspectos positivos e negativos relacionados às práticas observadas. Problematicamos esses aspectos com base nos apontamentos de Cosson (2014) sobre letramento literário e de Soares (2006) sobre escolarização da literatura. Concluímos que os problemas relacionados ao ensino da literatura infantil são agravados pela crença em que somente o contato com obras e os momentos de leitura assistemática são suficientes para promover o letramento literário nas escolas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Educação. Pesquisa.

DA FORMAÇÃO DO LEITOR AO FORMADOR DE LEITORES DO TEXTO LITERÁRIO 2015

Resumo: Neste texto, apresentamos alguns pontos de reflexão relacionados à formação do leitor do texto literário, particularmente do leitor formador, o professor de português e de literatura, que ensina literatura e trabalha com o texto literário nas séries finais do ensino fundamental e do ensino médio na educação básica brasileira e sul-mato-grossense. Trata-se de parte de discussão que vem sendo realizada em uma pesquisa, nas áreas inter-relacionadas de literatura e de educação, tendo como perspectivas teóricas a estética da recepção, o foco humanizador da literatura e a educação problematizadora. Nesse sentido, consideramos que o leitor formador é o principal responsável pelo trabalho pedagógico e estético com o texto literário na escola básica; portanto, tem a incumbência de formar leitores. Ele precisou ser formado por outros formadores de leitores. Passou pela escola básica, também, além de ter frequentado e concluído um curso de Letras. Todavia, o processo da formação inicial dele pode ter sido insuficiente, necessitando que haja uma formação continuada na área da educação literária. Discutimos essas questões, principalmente, por meio do pensamento de Bordini e Aguiar (1988), Candido (1995, 1997), Casa Nova (2001), Cosson (2012, 2016), Eagleton (1997), Freire (1987, 2003, 2005, 2011, 2013), Geraldi (2004), Jauss (2002), Lajolo (1988, 1997, 2001), Mortatti (2014) e Zilberman (1988, 1990, 1991, 2008, 2012).

Palavras-chave: Formação do leitor. Texto literário. Formação do professor. Ensino de literatura.

LITERATURA, ESCOLA E FORMAÇÃO LITERÁRIA: ENTRE PRÁTICAS E DESCAMINHOS 2015

Resumo: A escola constitui-se um espaço privilegiado para estimular o gosto pela leitura, cabendo a ela, portanto, a promoção do acesso às obras literárias, de maneira a provocar os chamados “comportamentos leitores”. Nesse contexto, torna-se imperiosa, para a formação de leitores, uma abordagem em torno dessa mediação que reconheça na escolarização da literatura um processo inevitável no universo escolar. Inserindo-se nessa discussão, a partir da concepção de que o letramento literário é fonte e principal função da literatura escolarizada, o presente artigo busca lançar aqui algumas reflexões, notadamente no que se refere ao acesso à leitura de textos literários, acerca de práticas docentes adotadas para a mediação da leitura literária na escola. Para fundamentar as discussões, buscamos como referência estudos de especialistas que reforçam a preocupação com o ensino de literatura e coadunam com a nossa forma de pensar e conceber o seu lugar na escola.

Palavras-chave: Escola. Letramento literário. Literatura. Formação leitora. História da leitura.

FORMAR PROFESSORES PARA FORMAR LEITORES: UMA ABORDAGEM SOBRE O ENSINO DE LITERATURA 2016

RESUMO

A formação do leitor é um dos principais objetivos do ensino de Literatura na Educação Básica. Pela escolarização adequada da literatura é possível aproximar a obra literária do leitor, tendo como consequência a promoção da leitura literária nas aulas de Literatura a partir da ação de um professor-mediador, com aportes teórico-metodológicos que ofereçam a oportunidade de desenvolvimento da criticidade, reflexão e fruição do estudante e de seu letramento literário. Sendo assim, este artigo tem o objetivo de refletir sobre a importância da formação do professor na formação do leitor, uma vez que essa relação é importante na construção de aulas de Literatura que oportunizem o letramento literário (COSSON, 2014; PAULINO, 2004; SILVA, SILVEIRA, 2013). De caráter bibliográfico, o corpus deste artigo são algumas pesquisas e teorias sobre o assunto encontradas em bases eletrônicas confiáveis. Também é proposta deste trabalho sugerir uma sequência expandida, metodologia construída e desenvolvida por Rildo Cosson, que favoreça a leitura da obra *Menino de Engenho*, José Lins do Rego, em vários aspectos contemplados no letramento.

Palavras-chave: Ensino de Literatura, Letramento literário, Formação de professores.

LITERATURA COMO FONTE DE HUMANIZAÇÃO, PRAZER E CONHECIMENTO

2016

Resumo:

O presente trabalho apresenta algumas contribuições de autores como Antônio Cândido, Tzvetan Todorov, Regina Zilberman e Irandé Antunes sobre a literatura e sua função de humanização, prazer e conhecimento. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica, com objetivo de contribuir para melhor interpretação das ideias dos autores e propor um debate sobre como a literatura interfere na formação dos indivíduos. Foi realizada análise de conceitos filosóficos sobre humanização estabelecendo relação profícua com a literatura, pois ambas desenvolvem no sujeito comportamentos construídos cotidianamente para o bem pessoal, como para o do próximo. Evidencia a importância da escola enquanto ambiente formador e a mediação feita pelo professor, destacando não só as possibilidades que a literatura promove na sociedade, como os perigos que ela e, conseqüentemente, a humanização sofrem nos dias atuais. É relevante a discussão proposta neste trabalho com vistas à reflexão acerca do poder que a literatura oferece a sujeitos de direito que devem ter acesso a bens incontáveis, sendo capazes de transformar a si próprios e o ambiente que os rodeia. O presente trabalho não encerra a discussão, sugerindo que o tema deve ser ainda pesquisado melhorando as alternativas para que a escola cumpra seu objetivo maior que é a humanização dos indivíduos. **Palavras-chave:** Literatura. Humanização. Conhecimento.

LEITURA LITERÁRIA: SABERES DOCENTES E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

2016

Elza Tie Fujita

Sandra Aparecida Pires Franco

Resumo: A construção dos saberes docentes se faz por meio de um processo contínuo de reflexão, no qual a integração entre teoria e prática é fator preponderante na efetivação de uma

práxis pedagógica que tenha como objetivo desvelar a realidade posta. Almejando portanto, contribuir com o processo de formação docente, bem como, propiciar a desnaturalização de ações pedagógicas e concepções teóricas de professoras de Língua Portuguesa, o presente estudo tem como objetivo compreender os saberes docentes que se constituem em práticas pedagógicas com Leitura Literária de uma escola da Educação Básica localizada no município de Londrina-PR. Importante salientar que se trata de um estudo de caso de delineamento qualitativo, no qual participaram duas professoras de Língua Portuguesa. Para coleta de dados foi utilizado um questionário com questões abertas, cuja análise e considerações foram fundamentadas na abordagem do Materialismo Histórico-Dialético. As concepções e saberes docentes acerca da Leitura Literária demonstrou que existe a necessidade de rever e direcionar os pressupostos teóricos e metodológicos que têm norteado a práxis pedagógica do professor, tendo em vista a Literatura enquanto arte que propicia a humanização crítica do sujeito. **Palavras-chave:** Formação Docente; Leitura Literária; Materialismo Histórico-Dialético.

FORMAÇÃO ESTÉTICA DO ALUNO POR MEIO DA LITERATURA E DA INTERDISCIPLINARIDADE 2016

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar o trabalho de Estágio Supervisionado realizado no curso de Letras da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), desenvolvido em uma escola de ensino médio, no Estado de Santa Catarina, com alunos dos primeiros anos. Este trabalho engloba a pesquisa, a ação e o projeto. A pesquisa desenvolvida no trabalho foi a quantitativa descritiva, e buscou-se fazer conhecidos os principais problemas que o docente encontra no desenvolvimento da sua didática, porém a pesquisa foi norteada pela problemática das práticas interdisciplinares desde o início de seus planejamentos. Os resultados encontrados permitiram confirmar alguns dados que a pesquisa atual na educação tem buscado que são o crescente desinteresse e indisciplina dos alunos diante das metodologias tradicionais. E estes resultados direcionaram o trabalho, a ser desenvolvido, para a aplicação de uma didática voltada à Formação Estética, por meio da literatura e de metodologias interdisciplinares, necessidades que se demonstraram urgentes em todo o planejamento. A pesquisa teve como enfoque inicial várias disciplinas, e na ação, a disciplina que serviu de base para o trabalho interdisciplinar e estético, foi a Língua Portuguesa. Ao final foi desenvolvido um projeto interdisciplinar entre algumas das disciplinas trabalhadas, que permitiram vislumbrar as mudanças possíveis quanto à aplicação de conteúdos tradicionais, de forma que o aluno corresponda de forma espontânea e interessada, envolvendo-se na construção do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa; Interdisciplinaridade; Formação Estética; Literatura.

AS EXPERIÊNCIAS COM A LEITURA LITERÁRIA NA / PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES 2017

Resumo

Considerando a importância da vivência estética no processo educacional, incluindo a experiência com a literatura, e reconhecendo a importância da mediação docente, proponho uma reflexão sobre paradigmas de trabalho com a leitura literária no contexto escolar. Tendo em vista o investimento de políticas públicas na distribuição de acervos literários para as escolas e em propostas de formação continuada, apresento análises de alguns discursos que apontam concepções e proposições de trabalho com a literatura inseridas em documentos e materiais destinados aos docentes. Estas análises são articuladas a enunciações de professores alfabetizadores que atuam em um município do Estado do Rio de Janeiro, que (se) dizem sobre

suas leituras, suas constituições enquanto leitores, suas participações em processos de formação continuada e sobre suas práticas docentes com a literatura. As análises apontam para a necessidade de constituição de espaços dialógicos de formação docente que possibilitem uma leitura crítica dos materiais formativos e nos quais a vivência da leitura literária possa ser apresentada não como pretexto, mas como um direito.

Palavras-chave: Literatura; Formação de leitores; Professores Alfabetizadores; Práticas escolares.

A FORMAÇÃO ESTÉTICA DO PROFESSOR E O ENSINO DE LITERATURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL 2018

RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar as relações entre a formação literária do professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental e sua prática em sala de aula, com vistas a apontar elementos que contribuam no desenvolvimento de sujeitos efetivamente leitores de Literatura. Para tal, apoiei-me em referenciais teóricos os quais compreendem a Literatura como experiência estética, que nos humaniza e nos faz emocionar, refletir e experimentar sentimentos; bem como na perspectiva do Letramento Literário, defendida por Cosson, a qual propõe a leitura literária na escola que permite a fruição, o ato de compartilhar Literatura com o outro, numa experiência reveladora e significativa para o professor e os alunos. A fim de pensar em uma formação docente que auxilie nessa compreensão, defendo a formação estética do professor, com base em Loponte, como uma possibilidade de sensibilizar-se para proporcionar humanização no processo de aprendizagem, de modo a tornar as escolas e as aulas como campos de experimentação. Como método de pesquisa, segui a abordagem qualitativa, fazendo uso de procedimentos metodológicos inspirados na etnografia da prática educacional, ao buscar conhecer aspectos da formação literária e da prática pedagógica de dois professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma rede municipal. Por meio de entrevista com questões abertas, levantei informações sobre o perfil leitor desses professores, sua formação acadêmica, prática docente e sua compreensão das práticas de leitura literária que realizam na sala de aula. Além disso, por meio de dados de sala de aula gravados e transcritos, sondei a prática desses professores em momentos em que trabalhavam com a leitura literária. As análises do conjunto desses dados, realizadas com base nas orientações da investigação de conteúdo, evidenciam que não é a formação estética e literária desenvolvida ao longo da vida desses professores, nem a formação acadêmica, nem a formação continuada, da forma como vem sendo proposta no caso dos dois professores, que garantem uma prática docente a qual contribua para o aperfeiçoamento do Letramento Literário dos alunos. Os resultados da pesquisa apontam como alguns fatores que de fato interferem na prática dos professores: a força que a cultura escolar exerce sobre a prática docente, com a ideia de que apenas ler em voz alta é a maneira de garantir que os alunos tenham acesso à Literatura; o tempo e as exigências curriculares da escola, os quais influenciam diretamente na pouca frequência que os professores dedicam à Literatura em sala de aula; a ausência de espaço na escola para discussões de formação estética e literária do professor em reuniões pedagógicas e nos horários semanais de Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC); a falta, na formação inicial e continuada, de experiências com a leitura literária; a desmotivação do professor, impedindo a tomada de consciência sobre sua própria prática. Em síntese, alguns aspectos que podem contribuir para a formação de leitores de literatura na escola estão ligados à transformação da escola, do currículo, das práticas de formação inicial e continuada de professores, à direção do saber da experiência, este carregado de vivência, paixão. Daí o produto final desta pesquisa ser uma formação continuada que objetiva sensibilizar, despertar o professor para realizar um trabalho significativo com a

Literatura e compreender o quanto compartilhar Literatura pode proporcionar a todos os envolvidos uma possibilidade de humanização das relações de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Formação estética. Formação de leitores. Práticas de leitura literária. Letramento Literário.